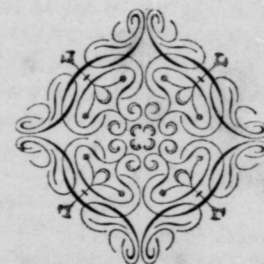


19

BREVE RESPOSTA
QUE
AO RELATORIO
DA
LIQUIDAÇÃO DA COMPANHIA DO MUCURY
POR PARTE DO GOVERNO,
DA
Theophilo Benedicto Ottoni.



RIO DE JANEIRO.

Typ. de M. Barreto, Mendes Campos e Comp., Rua da Quitanda n. 53.

1862.

Illm. e Cam. Sr.

Ex-director empresario da companhia do Mucury, eu não posso deixar de tomar na mais seria consideração o relatório do Exm. Sr. conselheiro Manoel Felisardo de Souza e Mello na qualidade de ministro da agricultura commercio e obras publicas, apresentado este anno ao corpo legislativo, na parte que diz respeito aos negocios do Mucury.

Diz S. Ex. o Sr. conselheiro Manoel Felisardo de Souza e Mello, á pags. 53 do seu relatório :

« Sobre a natureza dos estabelecimentos do Mucury, seu estado actual, e medidas de que carecem, achareis no relatório do commissario, cujo desempenho é digno de louvor, dados bastante explicitos. »

Se o relatório que sobre os negocios do Mucury escreveu José Candido Gomes, commissario arbitro por parte do governo na liquidação da extincta companhia do Mucury, se limitasse pura e simplesmente á dar conta da liquidação a seu cargo, e ainda a parodiar, como lhe parecesse, a historia da empresa, tudo muito embora autorizado como acima se vê, pela menção lisongeira e louvores do Exm. Sr. conselheiro Manoel Felisardo de Souza e Mello, eu deixaria passar em silencio, desdenhosamente, as fallacias e pretenciosas argucias de que esse trabalho está recheado.

Mesmo das insinuações retrospectivas que o commissario tomou a liberdade de escrever sobre a gerencia, escripturação e contas antigas da extincta companhia competentemente liquidadas perante os accionistas ; embora igualmente sancionadas essas insinuações pelo applauso e louvores do Sr. conselheiro Manoel Felisardo de Souza e Mello, na altura em que relativamente me considero, eu tambem podia dellas abstrahir, e tudo entregar ao mais soberano desprezo.

Mas o relatório do commissario liquidador impresso na Typographia Nacional a custa do thesouro, foi levado ás duas casas do parlamento pelo Exm. Sr. Manoel Felisardo de Souza e Mello, na qualidade de ministro dos negocios da agricultura commercio e obras publicas.

E' em attenção a esta circumstancia que eu prestarei as explicações, que em todo o tempo me consideraria obrigado a dar a qualquer accionista da companhia, se m'as pedisse em termos decentes.

Para responder ao commissario do governo não recorrerei á conhecida excepção de direito, que á proposito poderia invocar. — Tua quid interest? — e que literalmente tradusida significa « Não é da vossa conta. » Ao contrario no que diz respeito a factos eide ser minucioso.

Primeiramente esboçarei algumas observações fugitivas sobre o relatorio propriamente dito, que no entanto deixarão transparente o espirito em que foi redigido o famoso documento, e provarão a V. Ex. e ao publico que ao menos eu tenho estudado a empresa Mucury mais do que o commissario do governo.

Em seguida tomando em consideração os appensos, eide entrar em explicações, que espero dar completas, sobre os actos de minha gerencia, e de meus dignos agentes, que forão incriminados.

Commencearei perpassando alguns capitulos do relatorio.

O capitulo primeiro começa por uma dissertação historica que ha muito conheço de cór, e que é copiada fielmente da felicitação que em 1847 me dirigio Victorio Rodrigues na qualidade de presidente da camara municipal do Mucury. Está appensa á memoria inaugural da empresa de que offereço a V. Ex. um exemplar. (doc. n. 1.)

A esta narração tomada por emprestimo aos vereadores do Mucury, segue-se a recapitulação dos privilegios da companhia, e prelecções, addusidas, com manifesta benevolencia, em desculpa dos erros a que, diz o commissario que me arrastou no Mucury a minha inesperienza.

N'um ponto dessas considerações entro completamente nas vistas do relatorio; vejamo-lo.

« Em logar de uma linha de navegação de 30 á 40 leguas a utilisar e apenas 12 a 16 leguas de estrada a construir, verificára-se que « a navegação não se estendia á mais de 25 leguas, ao passo que a estrada devia estender-se a mais de 40 leguas. »

E' exactissimo. E é o que eu já tinha dito no meu relatorio de 1854 onde se lê a pag. 4 o seguinte.

« Eu tinha dados para suppor que teria uma extensa linha de navegação e sómente de 12 a 16 leguas de estrada a construir. No entanto « apenas desfructaremos de 85 á 90 milhas de navegação e estamos « construindo cerca de 30 leguas de estrada em matto virgem. »

Se eu não tivesse acceitado as informações officiaes da secretaria de

Minas, e soubesse em 1854 que em vez de 12 teria de construir mais de 50 leguas de estrada, haveria feito uma emissão de 3 ou 4 mil contos em vez de mil e duzentos.

Naquella quadra eu obteria facilmente o dinheiro de que carecesse, e não teria de achar-me na triste contingencia de appellar para a magnanimidade do governo brasileiro.

Ficaria armado com recursos bastantes para realizar a magestosa idéa, que absorveu dez dos melhores annos da minha vida, e que ainda hoje surri-me. Teria tido a gloria de engrandecer a minha terra natal, a satisfação de enriquecer os accionistas que me confiãrão o seu dinheiro, e o proveito de centuplicar a fortuna de minha familia.

Para conseguir estes fins grandiosos, não me passava pela mente onerar de qualqner modo em meu beneficio, os cofres publicos.

A principio, e logo que reconheci a necessidade de dar sahida para a costa a duzentos mil mineiros, eu, na qualidade de deputado da legislatura de 38 a 41 aponte por vezes para o Mucury. Da tribuna da camara dos deputados, pedi ao governo que puzesse o norte de Minas em communição com o litoral pelo Mucury.

Estava longe de mim fazer monopolio desta idéa grandiosa.

Mas depois de bradar em vão seis annos, procurei realizar como industrial, o que não tinha podido conseguir como politico.

Como coadjuvação da parte dos poderes publicos, só pedia então alguns privilegios, que impondo-me a encampação dos contractos, o governo annullou, sem a menor utilidade publica.

E é o que diz o proprio detractor da companhia do Mucury de algum modo escarnecendo de minha simplicidade por não ter no principio pedido dinheiro ao thesouro.

A pag. 6 do relatorio está o seguinte:

« Assim em logar de emprestimos de seus cofres, subvenções annuaes « e outros favores dessa especie, que posteriormente tem sido concedidos « no Brasil á empresas semelhantes, os que a companhia do Mucury « solicitou, forão uma serie de immuniidades, que favorecendo o seu futuro, « pouca ou nenhuma força lhe prestávão, quando mais della carecia, « isto é, no seu desenvolvimento. »

Em seguida vêm o capitulo sobre a navegação do Mucury.

Depois de reproduzir quanto ao regimen do rio, informações muito vulgarisadas pelos meus relatorios, moralisa o commissario do governo.

« O grande erro que commetteu a companhia não tomando por base da empresa o Peruípe em vez do Mucury.

Primeiramente a base da empresa Mucury, foi o exclusivo mais absoluto da navegação fluvial. Durante oitenta annos o rio Mucury foi-me doado em plena propriedade, e tal doação era impossivel que eu pedisse a respeito do Peruípe que já tinha dono, e cujas margens estavam todas povoadas.

Mas no tempo da organização da companhia, eu não desconhecia haver muito de inexacto nas informações do major Pederneiras e outros, que tendo viajado o Mucury no tempo das chuvas, acreditárão que o rio comportava até Santa Clara em todo o tempo, navios callando até nove palmos. Tendo feito uma viagem de exploração em 1847, na estação secca, estava eu bem certo, antes da organização da companhia muito haver que rectificar naquellas informações.

Por isso o meu primeiro acto, consolidada a companhia em 1852 foi engajar o distincto engenheiro hydraulico J. Baptista Humphreys para resolver este problema.

1.º E' navegavel á vapor o rio Mucury?

2.º Quaes as dimensões e calado dos navios, proprios para a navegação, caso seja ella possivel?

A encomenda do 1º vapor fluvial foi em vista do relatorio de Humphreys datado de 1852.

Desde então se ficou sabendo, que só poderia ali navegar todo o anno um vapor que não calasse mais de 2 1/2 palmos. E que havião annos excepcionaes, em que mesmo um tal vapor não poderia subir até Santa Clara, sendo em consequencia desse conhecimento que estabeleci a estação das Paredes, de donde nas estações mais rigorosas, as cargas subirião em pranchas de fundo de prático. Até ali pois, nada diz de novo o relatorio.

« Assevera porém que, o rio Mucury não merece a categoria de rio navegavel que lhe emprestou a extincta companhia, e que em parte « expiou fazendo estereis sacrificios.

« E accrescento : mas reúne o rio Mucury ainda condições bastantes para ser aproveitado como via provisoria da região que se quiz « communicar com o oceano, e mais tarde como auxiliar á navegação « do Peruípe. »

Em primeiro lugar, cumpre notar que, segundo o laudo do commissario que V. Ex. pôde ler no inventario, avaliou elle apenas em 12

contos de réis, as bemfeitorias feitas no leito do rio, e que consistirão no desatracamento das madeiras que o obstruíão.

« Se o relatorio concede que o Mucury tem condições bastantes para « servir provisoriamente, e ainda mais tarde como auxiliar do Peruípe, grande não foi o erro da companhia aproveitando-o desde já, nem esteril, o sacrificio de 12 contos que fez para esse fim.

O certo é que, enquanto o vale do Mucury não tiver exportação capaz de sustentar um emporio de commercio directo com o estrangeiro, e tiver de trazer para esta praça a sua produção, em paga dos generos estrangeiros que tenha de vir comprar para si e para o norte de Minas : o rio Mucury facilitará o transporte, pois que fornece 27 leguas de navegação fluvial, em lugar de 12 a 16 leguas de estrada de Santa Clara ao porto de S. José do Peruípe, além de mais 12 leguas de navegação fluvial de S. José do Peruípe a Caravellas.

Quando porém a produção do valle do Mucury, e o commercio do norte de Minas, comportarem a necessidade do commercio directo com o estrangeiro, indubitavelmente se estabelecerão em Caravellas as estações fiscaes correspondentes, visto que, o Mucury não tem barra, senão nas marés vivas para barcos de 10 palmos de calado, e tem pessimo e acanhado ancoradouro. Ainda porém nessa época, a navegação fluvial do Mucury não será abandonada como bem diz o relatorio porque (ao menos nos 5 mezes que concede o commissario) barcos com 2 e 3 mil arrobas poderão carregar em Caravellas, e descarregar em Santa Clara, e vice-versa, havendo só duas horas de navegação de alto mar da barra do Mucury á de Viçosa, cuja bahia se comunica interiormente com a de Caravellas, e por ali os vapores de navegação fluvial, farão sem perigo esse trajecto, como por vezes o tem feito o pequeno Peruípe.

Estas e outras informações constão do meu relatorio de 1857. Dellas se vê que o plano primitivo da companhia não tem soffrido nenhuma modificação importante.

E a estrada de ferro que foi mandada estudar do Peruípe para Santa Clara? Diar-se-há.

Eu creio que o ministerio actual não condemnará o Mucury por conta do nome do ex-director da extincta companhia, e por isso entrarei em algumas explicações que podem ser uteis.

No mesmo relatorio de 1857, disse eu aos accionistas da companhia o seguinte :

Provincia nova.

« A empresa do Mucury veio tornar patente uma grande necessidade publica, e ao mesmo tempo fornecer os meios para ser ella satisfeita.

« Fallo da creação de uma nova provincia comprehendendo:

« Da provincia de Minas a: comarca de Jequitinhonha, e parte das do Serro e S. Francisco.

« Da provincia do Espirito-Santo a: comarca do S. Matheus.

« Da provincia da Bahia as: comarcas de Caravellas e Porto-Seguro.

« E' uma dessas idéas intuitivas, que uma vez apresentadas obtêm a geral acceitação.

« A nova provincia, apenas esboçada em um discurso do fallecido marquez de Paraná, foi acolhida entusiasticamente em todas as localidades, a que se referia.

« A camara de Caravellas mandou felicitações e agradecimentos ao illustre morto.

« Em S. Matheus posso assegurar-vos que não ha idéa mais popular.

« Na camara dos Srs. deputados, reduzida a projecto na legislatura passada pelo ex-deputado e nosso illustrado socio o Sr. Paula Fonseca, foi nesta legislatura, acceita e defendida pelo nobre deputado do circulo de Minas-Novas o Sr. Cesar.

« E se o projecto está adiado por insinuação do Exm. Sr. marquez de Olinda, S. Ex., longe de fazer-lhe a menor opposição, allegou sómente a necessidade de ser a questão melhor estudada! E no entanto, senhores, esta situação foi creada pela companhia do Mucury.

« Todos que reconhecem como palpitante esta necessidade publica, confissão que só as nossas estradas, tornarão possível a sua realisação, e que a estrada de Santa Clara para Philadelphia, será a principal arteria por onde se communiquem as marinhas da nossa provincia, com os seus 30,000 habitantes e o interior, que, seja a divisão como fôr, ha de consistir de mais de 120,000.

« E' pois evidente o interesse que tem a companhia do Mucury em estudar, e acompanhar o nascimento da nova Estrella.

« Não é possível que a alfandega do Rio de Janeiro continue a ser, a de toda a provincia de Minas.

« Apenas tomar algum incremento a população das mattas ao norte

« do valle do Parahyba, as necessidades publicas crear-lhes-hão novos mercados no litoral adjacente.

« Mas daqui até aos Abrolhos não offerece á nossa costa outros portos onde se possa imaginar levado no futuro o commercio estrangeiro, senão o porto da cidade da Victoria, e o de Caravellas. »

Eis ahi sem a menor reserva, o pensamento da companhia. Tinha o exclusivo da navegação de Santa Clara para Caravellas, e era assim um concorrente com o qual nem uma estrada de ferro poderia lutar vantajosamente. O governo tinha indeclinavel necessidade de estrada, pois que a creação da nova provincia, supunha ligadas entre si, por communicações regulares Caravellas, Philadelphia, Minas-Novas e Diamantina, e como qualquer outra entidade, que viesse entroncar em Santa Clara a estrada de Caravellas, ficaria á mercê da companhia do Mucury, claro estava que só a esta, podia convir fazer um ramal. Mas para poder tratar com o governo, era preciso que a companhia tivesse bem estudada a questão. Eis o motivo que me levou a mandar levantar a planta, e o traçado de uma estrada que pudesse admitir trilhos de ferro, do Peruipe a Santa Clara, sabendo préviamente que este problema era de facilissima solução por que o Peruipe está separado do Mucury, por uma immensa chapada.

Foi nessas vistas, que em 1857 pedi autorisação aos accionistas para tratar com o governo, a estrada de Santa Clara a Caravellas, declarando porém, que por emquanto aquella estrada tinha de ser simplesmente uma *estrada administrativa*; accrescentei porém, que para facilitar o contracto, se compromettesse a companhia « dentro de um lapso de tempo *que deve ser longo* » a estender trilhos de ferro sobre a sua estrada.

Pensei que não estavamos no tempo em que a idéa de trilhos de ferro sobre uma estrada, assustava os mais eminentes estadistas brasileiros. No entanto acceito humildemente as tiradas com que foi acolhido no relatório do commissario, o modesto e acanhado projecto que aconselhei em 1857 á companhia do Mucury, de contractar com o governo, a collocação de trilhos dentro n'um largo espaço de tempo, na estrada de Santa Clara para Philadelphia.

No interesse, porém, de esclarecer o governo, pondero á V. Ex. que, ácerca da estrada para Caravellas, tratava-se sómente da construcção de um caminho commum, que as condições do terreno permittião que fosse alinhado de modo a poder servir para um caminho de ferro, e isto na hypothese da creação da nova provincia. Não condeno, antes approvo des-

de já um tal caminho, se o governo quer cuidar da conservação e melhoramento das estradas do Mucury.

Annos haverá, como os tres de secca porque passarão as provincias do Norte, secca que se fez sentir no Mucury, em que esse caminho será de grande utilidade para o commercio do norte de Minas.

O terreno do Peruípe a Santa Clara foi competentemente reconhecido e estudado pelo engenheiro Schaedeli que fez o traçado, e levantou a planta de tres leguas, planta que em 1857 foi presente ao commissario da provincia de Minas, o senador Herculano Ferreira Penna relator da commissão de contas, que tudo mencionou no respectivo parecer. Os relatorios de Schaedeli são minuciosos, e continhão, se bem me recordo até a especificação das estacas numeradas, que existião sobre o terreno marcando o rumo, a declividade, e as curvas.

Esses documentos devem existir na secretaria de V. Ex. senão na da provincia de Minas. Ao engenheiro Schlobach, se o governo quizer desde já tratar desse serviço, devem remetter-se esses documentos, elle não terá mais a fazer do que procurar e seguir as pegadas de Schaedeli, e o alinhamento já feito. O que eu admiro, são as vistas de lynce do commissario do governo, que em viagem *à vol d'oiseau*, sem ter percorrido parte alguma da picada velha de Leopoldina, sem ter visto os trabalhos do engenheiro Schaedeli, e tendo apenas feito uma viagem no vapor até S. José do Peruípe, decide cathedralmente que:

« A nova estrada, ha de prescindir absolutamente do caminho ou « picada que hoje mantém essa comunicação: « e afirma que » partindo « do rio Peruípe, meia legua abaixo do porto da Leopoldina e com uma « inclinação de 8° ao S sobre a base desse rio, cuja direcção geral é 30° « SE NO, parece haver probabilidade de melhor alinhamento. »

De fallacias desta natureza, está cheio o relatorio do commissario do governo, e V. Ex. já vê que em taes disposições, não pôde o commissario ser aceito como juiz da administração da companhia, e decidir se ella conhecia ou não a sua verdadeira base de operações, e se tinha calculado ao justo o grande valor e importancia de Caravellas.

Neste assumpto eu podia invocar documentos, e testemunhos valiosos. Em 1849 luctava nesta côrte o cavalheiro James Hudson, ministro inglez, para obter a effectiva cessação do trafico. As objecções que se lhe fazião, erão tiradas da impossibilidade de empregar vantajosamente em a nossa lavoura os braços livres. O ministro inglez, honra lhe seja feita, lembrou-se de destruir praticamente a objecção, auxiliando a fundação de uma colonia ingleza

no Mucury. Concedeu-me uma audiencia, a que foi presente o meu amigo o Dr. Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto e dous outros cavalleiros, interpellou-me sobre o assumpto, com aquella largueza de vistas, que distingue os diplomatas da Grã-Bretanha, sendo uma de suas perguntas:

« Se a nova região, tinha proporções para fazer commercio directo « com o estrangeiro. »

Communiquei ao diplomata inglez os grandes destinos que estavam reservados ao Mucury, tendo Caravellas como base do seu commercio, e engrandecimento, mas recusei a participação do governo inglez em a minha empresa.

Como conferencias desta natureza é de estylo que sejam transmitidas ao *Foreign-Office*, é provavel, que nos archivos da Inglaterra esteja a prova de que as susceptibilidades de meu brasileiroismo me levirão a recusar qualquer intelligencia com o estrangeiro, que então estava em serio desacordo com o governo do meu paiz. Ainda hoje mais quero ter perdido o Mucury, do que havel-o transformado em feitoria ingleza, apezar do muito que preso os inglezes e a Inglaterra.

Nesse tempo o conselheiro Luiz Antonio Barbosa ainda não tinha informado á camara dos deputados que havia quem quizesse condemnar a empresa do Mucury por conta do nome de seu autor. No entanto eu já nutria esse receio, e, sob tal impressão, procurava occultar os magnificos horisontes que se me antolhavam. Por isso, como se pôde vêr do copiadador da companhia n. 1, ordenava ainda em 1853 ao meu agente de Santa Clara, que guardasse a maior reserva ácerca de communicações com Caravellas.

Talvez V. Ex. me considere visionario, mas eu creio que os acontecimentos justificão minhas apprehensões. Encetei a empresa do Mucury, como se tratasse de uma conspiração contra o estado. Organizou-se a companhia em maio de 1851, e a noticia não chegou aos jornaes senão em 1852. Obtive que se me entregasse, a sello volante, as participações da secretaria, do imperio para as presidencias de Minas e da Bahia. Esta foi remettida, apadrinhada com uma carta de recommendação do distincto barão de Cotejipe, depois de haver entrado no exercicio da vice-presidencia um actual deputado, amigo do barão. Eu pensava que á empresa do Mucury, só seria licito funcionar livremente, mediante a supposição de que eu lá me perderia. Esperava, porém, ganhar folego tamanho, que quando dessem pela cousa, estivesse ella feita e eu seguro contra os meus adversarios.

Nesse ponto evidentemente enganei-me.

Levava subscripto a esses adversarios alguma estudada jactancia com que eu ás vezes fallava aos accionistas. Em 1852 disse-lhes:

« Vamos realizar no Mucury o que os inglezes não puderão realizar « no Rio-Doce. »

Para quem sabia que a poderosa companhia ingleza do Rio-Doce, tinha ali sacrificado um capital igual ao da companhia do Mucury, sem nada fazer, usar de uma tal linguagem devia inculcar grande cegueira, e certa perdição.

E era justamente n'estas conclusões de certos pios leitores que eu encontrava minhas melhores garantias. E não me bastarão !...

Estrada de S. Clara á Philadelphia.

Se eu não me considerasse atro smente calumniado nas observações sobre a gerencia da companhia, este capitulo do relatorio deveria levar-me a indulgencia.

Uma estrada de 27 e meia leguas qual a descreve o commissario do governo, apesar de todos os salvos conductos que tira depois de descreve-la, aberta no centro das mattas mais bravias com trabalhadores tomados do Rio de Janeiro e no interior de Minas, em maxima parte sustentados com mantimentos comprados nesta praça, que formavão com as ferramentas, a unica carga do vapor que colloquei naquella carreira, não haverá engenheiro que achasse cara, se lhe dissessem que custára 1,200 contos de réis. (a)

« Não se póde desconhecer diz o commissario a pag. 19, que essa « estrada representa uma grande somma de trabalho ; primeiro, pela « sua notavel extensão ; segundo, pelas condições do terreno que teve « de devassar. Quanto á extensão já foi consignado que mede 27 1/2 leguas « e talvez mais alguns centos de braças.

« O terreno era um solo montanhoso, e de certo ponto em diante « violentamente accidentado de alturas gigantescas, de cavidades profun- « das, de rios, de regatos, e de penedias, e tudo isso envolto por uma « matta de opulencia vegetativa que apenas tem igual no mundo. »

Parecerá incrível que depois de uma tal tirada, procure o relatorio amesquinhar os afanosos trabalhos de que tão clara idéa deu nas palavras acima. No entanto é o que transparece mesmo nesse capitulo.

Se V. Ex. quizer ver em toda a sua luz, a parcialidade das apreciações

(a) Junto acharão os leitores no appenso (A) esse capitulo do relatorio para que chamo a sua attenção.

do commissario do governo, sirva-se de confrontar a descripção que elle faz da 5ª secção desta estrada com o que diz a respeito o commissario dos accionistas a pag. 26 do seu relatorio de que offereço a V. Ex. um exemplar doc. n. 2.

E' especialmente nesta 5ª secção que em grandes extensões a estrada conserva uma largura de 20 a 30 palmos. — Assim é de Santa Clara ao Barreado. Tinha a principio de 12 a 14 palmos, mas o engenheiro Ch. Bernard que hoje está empregado pela repartição de V. Ex. no porto de Santos, e que V. Ex. poderá ouvir a respeito, alargou a estrada de 20 a 30 palmos de Santa Clara ao Barreado. A principio não tinha esta secção descortinamento, depois teve-o especial em quasi metade de sua extensão.

O descortinamento da estrada se fazia derribando 4 braças de cada lado ; mas observando-se que pela direcção leste-oueste da estrada muito mais aproveitaria ella os raios solares, se o descortinamento fosse todo do lado do norte, assim o determinei, e se fez com grande vantagem, de Santa Clara até o Barreado.

Como é pois que o relatorio, se abalança a dizer que « á excepção da « 1ª 1/2 legua a partir de Santa Clara, a estrada apenas tem metade da « largura que lhe corresponde, e que nem teve o necessario descortina- « mento ? »

Seja embora a 5ª secção apenas um ruim caminho, o que é certo é que desde 1835, ainda não houve uma semana que deixassem de ali transitar carros de 4 rodas tirados por bestas.

Estrada de Santa Cruz.

A amenidade de relações em que está o commissario do governo, com o engenheiro Schlobach attribuo a benevolencia das apreciações acerca desta estrada. No meu modo de entender está ella muitissimo abaixo da descripção que faz o relatorio.

Devia ser uma estrada de rodagem, mas a inexperiencia do engenheiro, e a impossibilidade em que me achei de a uxilia-lo em razão de grave molestia, que trouxe do Mucury, e me reteve no Rio de Janeiro todo o anno de 1854, derão aquelle resultado deploravel.

Quando em 1855 fui ver esta secção do caminho, declarei ao Exm. presidente de Minas haver passado pela mais desagradavel das decepções.

Se o caminho de Santa Cruz fosse igual ao de Santa Clara, a companhia do Mucury não se teria encampado, porque estaria dando renda segura.

Como estou convencido de que V. Ex. querará dar desenvolvimento á viação do Mucury ; ousou chamar a attenção de V. Ex. para o alinhamento da nova estrada, que deve seguir de Philadelphia ao Alto dos Bois, feito pelo mesmo engenheiro, já amestrado por uma experiencia de 9 annos. Foi da estrada de Santa Cruz que disse na Gazeta Geral de Hapsburgo o barão de Tchudy, « se, se houvesse prometido premio ao engenheiro que fizesse o peor alinhamento possível entre os 2 pontos dados, o engenheiro da companhia teria ganho o premio. »

Ramificações, inferiores e superiores da estrada da companhia.

Tocarei nos diversos caminhos de que trata este capitulo, só para mostrar a falta de conhecimento da causa com que falla o commissario do governo, e a sua constante parcialidade contra a administração da companhia.

Caminho de S. Matheus. Não serei eu quem pretenda negar o patriotismo e dedicação com que o meu honrado amigo o tenente-coronel Matheus Antonio dos Santos se prestou a ir pessoalmente com seus escravos, sem a menor retribuição, fazer um reconhecimento entre S. Matheus e Santa Clara.

Mas é extranhavel que o commissario do governo, omitisse calculadamente a parte que teve a companhia do Mucury nesse reconhecimento. Sendo o caminho de Santa Clara á S. Matheus principalmente do interesse desta povoação, o governo da provincia para abril-o obteve fundos da assembléa provincial, mas nada tendo podido fazer, eu destaquei do Mucury o engenheiro Charles Bernard, que levou carta de ordem minha dirigida ao coronel Antonio Rodrigues da Cunha, como se vê do copador n. 2 a fl. 272 encarregando a este amigo de habilitar o engenheiro com os meios de fazer o reconhecimento obrigando-se a companhia do Mucury a pagar todas as despesas, se o governo do Espirito-Santo puzesse duvida em satisfazer-as. Em vista desta mesma carta o digno tenente-coronel Matheus, irmão do coronel Antonio Rodrigues da Cunha, pôz-se a disposição do engenheiro, e com elle seguiu até Santa Clara, aproveitando a occasião para fazer á sua provincia um serviço relevante que não teve a mais pequena recompensa.

Vê-se pois, que a companhia do Mucury não foi estranha á exploração do tenente-coronel Matheus Antonio dos Santos, como o relatório quer inculcar.

Feita a exploração, abriu-se o caminho existente á custa da companhia. Como porém este caminho, bem como o da Leopoldina não dava lucro algum immediato á companhia, ella os deixou a cargo dos presidentes das respectivas provincias.

Ramificações superiores das estradas da companhia.

Querendo attrahir para o littoral, através de 70 leguas de matto virgem, a população do norte de Minas, eu julguei conveniente crear na matta um centro poderoso de donde irradiassem estradas para as diversas povoações, que ficavam ao poente do norte até o sul.

Pareceu-me que designado o centro, primeiro que tudo era preciso pôl-o em communicação directa de commercio com os portos de mar.

Nasceu Philadelphia, e a estrada de Santa Clara á Philadelphia.

« Philadelphia, dizia eu no meu relatório de 1854, como sabeis, é « na margem de Todos os Santos, o ponto destinado para os armazens « superiores da companhia.

« Dista, de Minas Novas. 24 leguas

« Da cidade Diamantina. 42 »

« Da cidade do Serro 48 »

« Da povoação da Capellinha. 47 »

« Dita da freguezia de S. João Baptista. 24 »

« Dita dita da Penha. 30 »

« Dita dita do Rio Vermelho. 36 »

« Dita dita do Rio Preto. 34 »

« Dista pelo caminho do Gravatá :

• Da povoação e freguezia do Calháo; ponto

« principal do commercio do Jequitinhonha. 26 »

« Da villa da Serra do Grão Mogol 42 »

« Dista :

• Do 1º Fazendeiro na povoada matta da Trin-

« dade, ao sudoeste 11 »

« Do 1º Fazendeiro do Rio Fanado, ao O. 14 »

» » Setubal, N. N. O. 11 »

» » Gravatá, N. O. 13 »

• Conto em breve pôr também Philadelphia em relação com a freguezia do Pessanha municipio do Serro, passando das Cabeceiras de Todos os Santos para as do Tambacury que lhe é verticalmente opposto, e que

« tem pequeno curso indo desaguar no Suassuly Grande pouco abaixo da barra do — Arapuca —, sendo que da barra do Arapuca ao importante arraial e freguezia do Pessanha ha pouco mais de dez leguas, em grande parte já com caminho feito, havendo nesse caminho quatorze fazendeiros que a pedido meu, visitou em Julho de 1851, o Sr. Augusto Benedicto Ottoni.

« Vê-se pois, que a nossa Philadelphia está no centro de diversos semi-circulos, sendo que na circumferencia do primeiro com o raio de cerca de doze leguas começa a encontrar-se a população do termo de Minas Novas internada pelo lado da costa.

• Na circumferencia do semi-circulo do raio de vinte e quatro a vinte e seis leguas achão-se as povoações do Calhão — S. José do Jacury, e Pessanha.

• Na circumferencia do semi-circulo a quarenta e duas e a quarenta e cinco leguas a villa da Serra do Grão Mogol e a cidade Diamantina.

• Um pouco mais longe ao Norte Rio Pardo, ao Oéste Formigas, — ao S. O. Serro.

• Conhecidos estes detalhes, reconheceréis a importancia de Philadelphia, que ligaremos á praça do Rio de Janeiro, por uma linha de communicações em que o frete não será maior do que o actual daqui, para a villa da Parahyba ou de Cantagallo.

• Apraz-me crer que na Philadelphia ha de ser em breve tempo, tanto quanto o podem ser povoações do interior, um grande centro commercial, e por isso estou lançando ali com algum esmero os fundamentos de uma cidade.

• No dia 7 de setembro de 1853, com a possível solemnidade, assisti no logar ao alinhamento feito pelo Sr. Schlobach de uma grande rua plana e rectilinea em a extensão de mais de meia legua no rumo N. S.

• A estação dos carros ou grande armazem faz frente na linha E. O. para duas praças por cujo centro passa a rua principal, tendo a praça do Norte setenta e cinco braças N. S. e cincoenta E. O. e a praça do Sul, distancia pouco mais ou menos igual, estendendo-se até a ribanceira do rio, para passa-lo em uma ponte na frente do portão do centro do armazem.

• O Sr. Augusto Ottoni está autorizado para no conveniente alinhamento, conceder terrenos onde se edifiquem casas. As ruas transversaes, cortão todas em angulo recto a rua principal.

• No angulo do S. E. já está edificada uma boa casa para o adminis-

trador da companhia. O armazem está em construcção, estando tiradas as madeiras, serrado parte do taboado, prompta a telha e outros materiais necessarios.

« Na entrada da praça se edifica actualmente, o quartel da guarnição que a provincia deve ter naquelle ponto, segundo o contracto com a companhia.

« Temos em Philadelphia muitos edificios provisorios onde residem os empregados, e trabalham diversas officinas »

O commissario do governo descreve Philadelphia com referencia á outras povoações, nos seguintes termos no seu relatorio de pag. 34 a 36 que vou copiar, não tanto para mostrar como em 1861 estavam realizadas minhas previsões de 1854, mas para que o governo conheça por penna insuspeita que merece sua protecção o Mucury e

Philadelphia.

« A fundação deste povoado diz o commissario, que é dos estabelecimentos do Mucury o mais internado na provincia de Minas, ligou sempre a companhia uma especie de amor e de desvanecimento, que se a importancia de Philadelphia ainda não justifica, na que o futuro lhe reserva, poderia achar causal bastante.

« De resto a idéa de dividir á metade, por meio de um povoado, a distancia quasi de cincoenta leguas, que vem cortando a matta virgem, do Alto dos Bois a Santa Clara, era simples, não deixando por isso de ser recommendavel.

« Na escolha do local foi ainda bem inspirada a companhia, como uma breve descripção o deve mostrar.

« Philadelphia está situada á margem do rio Todos os Santos, que distando ahi de suas vertentes oito leguas, tem ordinariamente pouco volume de aguas. Na estação das chuvas cresce, porém, de uma maneira torrentosa.

« Além do Todos os Santos, Philadelphia póde considerar-se banhada por tres ribeirões, ou arroios bastante fortes, e são :

« O ribeirão de Santo Antonio, que atravessando uma parte de Philadelphia na direcção NS faz a sua barra no Todos os Santos junto a esta povoação.

« O ribeirão de S. Benedicto, que trazendo direcção quasi contraria, se lança tambem no Todos os Santos a um quarto de legua mais longe.

« Finalmente ao O, o de nome S. Jacintho, afflue no mesmo rio a meia legua de Philadelphia.

« Esses diversos arroios, que pela sua permanencia, ainda no tempo das seccas, e pela limpidez e volume de suas aguas poderião ser considerados pequenos rios, banhão outros tantos nucleos coloniaes, que tomarão delles seus respectivos nomes.

« O terreno em que está assente Philadelphia é uma planicie, limitada por morros não muito elevados, e hoje despidos da matta primitiva.

« A origem desse povoado foi uma extensa roça de milho aberta pela companhia, que aliás não tardou em demarcar o terreno no sentido de se fundar ali uma populosa cidade, e mesmo a capital de uma provincia.

« Esse terreno tem 800 braças de comprimento NS, por 570 de largura EO, formando uma área aproximada de 450,000 braças quadradas.

« Achão-se medidos 320 lotes urbanos, tendo cada um cem palmos de frente por 500 de fundo, havendo um só pequeno numero de lotes com fundo igual, porém com metade daquella frente.

« Todas as ruas, com excepção apenas de uma, são cortadas em angulo recto, e tem a largura geral de 60 palmos.

« Duas grandes praças separadas entre si por edificios da companhia, e uma terceira ao lado da povoação, offerecem o conveniente desafogo á entrada e sahida de carros, e de tropas muares.

« Na divisão do terreno, forão reservados os que podião no futuro necessitar-se para a construção de edificios publicos, de qualquer especie ou cathegoria.

« Projctou-se canalisar o ribeirão de S. Benedicto para o fim de regularisar a área da povoação; e a canalisação do rio Todos os Santos chegou a ser em parte realizada.

« Dando o exemplo de valiosas edificações, a companhia construiu em Philadelphia não menos de cinco predios. O mais importante é o que se denominou a Intendencia, e se acha collocado entre as duas praças centraes. Consta elle de dous grandes armazens, unidos entre si por um largo saguão coberto de telha, igual com o resto do predio.

« A E e O. da Intendencia, e completando a separação das duas praças, construiu tambem a companhia dous espaçosos ranchos cobertos de telha, sendo uma das faces occupada por um armazem para deposito de generos.

« Ha ainda uma casa de moradia com bastantes accomodações, collocada no angulo de uma das praças; e finalmente, ha uma outra casa para officinas de ferreiros e carpinteiros.

« Estes differentes predios, cuja descripção mais precisa se acha no inventario junto ao relatorio, são de construcção regular, e o da Intendencia tem bastante solidez e nobre aspecto.

« Hoje servem alguns para os misteres da colonia, e os outros rendem pequeno aluguel.

« O exemplo que a companhia deu com essas construcções, o estabelecimento de diversos nucleos coloniaes proximos ao povoado, e a circumstancia de findar ahi a estrada de rodagem, para dar começo ao trafego de tropas muares, que descem das comarcas interiores de Minas, derão, como era natural, a Philadelphia um rapido impulso.

« Grande numero de habitações particulares se virão simultaneamente em construcção, e se tivessem sido acabadas, a povoação seria hoje assaz consideravel. Mas acontecendo a paralysação completa do commercio, e o enfraquecimento das forças da companhia, muitos desses edificios ficão em começo, e tem ido depois desabando pela incuria de seus donos, ou pelo receio de despenderem inutilmente maiores quantias, visto que não acharião moradrcres para taes predios.

« Na actualidade, e abstrahindo dos da companhia, já mencionados, Philadelphia conta os seguintes edificios:

« 1.º Um pequeno templo catholico feito por subscrição dos fieis, e com auxilios do governo, e da companhia. Faltando só uma parte da ornamentação interna, na qual se trabalha, presta elle já o necessario serviço ao culto.

« 2.º Uma casa de oração para o culto evangelico, feita com o auxilio de 4:000\$000, que o governo imperial concedeu para ella.

« 3.º Um quartel para o destacamento policial de Minas, feito tambem com os auxilios que concedeu para isso o governo.

Os predios particulares, entre os quaes ha alguns espaçosos, e com a conveniente solidez, podem assim discriminar-se:

Casas inteiramente acabadas.	103
» em construcção, cobertas já.	11
» apenas começadas.	14

« A população de Philadelphia póde calcular-se em 800 almas, não incluída a das chacaras vizinhas, a das colonias, e nem ainda a que se acha de transito. Reunida, porém, toda a que existe n'um raio de 3 leguas, deve exceder de 2,000 almas.

« No anno de 1837 publicou o director da companhia uma relação de 16 casas de commercio, existentes em Philadelphia. Hoje esse numero tem

decrecido, e casas de commercio propriamente ditas, apenas se podem contar seis.

« A povoação contém diversas officinas de artes mecanicas, mantidas em geral por estrangeiros, que ao mesmo tempo cultivão chacaras, ou lotes coloniaes.

« A collocação de Philadelphia, segundo os estudos do engenheiro Schlobach, é a seguinte, em referencia ás outras povoações de Minas Geraes.

Da freguezia da Capellinha dista.	17 leguas.
» » de S. João Baptista	24 »
» cidade de Minas Novas	25 »
» freguezia do Calháo.	26 »
» » da Penha.	30 »
» Cidade Dimantina	42 »
» » do Gram-Mogol	42 »
» » do Serro	48 »

Philadelphia *bella ruina*, feudo de uma familia ligado a um *cadaver*, arranca no final do capitulo que lhe foi destinado, esta poetica qualificação: « primeiro estadio da riqueza mineira procurando o litoral, e posto avançado da civilisação do oceano penetrando no norte de Minas Geraes. »

A par desta bonita tirada, vem-me amargas censuras, por que não cuidei convenientemente dos ramaes superiores da grande estrada, esquecido o censor que eu tinha aquella justificadissima escusa do commandante do navio de guerra que passára por outro inimigo de muito menor lotação e não lhe fizera fogo e perguntado no conselho de guerra disse que assim obrára por muitos motivos; primeiramente porque não tinha polvora. . .

Era o que me succedia. Tinha-se me acabado a polvora.

Mas o que fiz promovendo a abertura dos ramaes de Philadelphia para a semicircumferencia povoada que a cerca, vai muito além das proporções mesquinhas, que lhe dá o commissario do governo.

« Diz que o caminho do Poté á Trindade aberto em 1852, e não tendo merecido renovação ou melhoramento algum, teria desaparecido senão fosse o transitio obrigado de alguns moradores da Trindade. »

E quem assim falla, Ex. Sr. é o mesmo commissario que liquidou a caixa de Philadelphia, pela qual ainda no mez antecedente a sua chegada, se havia pago a Casimiro Gomes Leal morador na Trindade trabalhos de reparação naquelle caminho, inclusive duas pontes que tudo

fôra encomendado em 1859 ao referido Casimiro Gomes Leal seu amigo, pelo ex-director da companhia!

« Os exames do caminho do Calháo bem que em poucas leguas, revelão cuidado, graças á pericia do engenheiro Schlobach. Mas o « caminho tem só quatro leguas de extensão, e para ellas concorreu a « companhia com pequenos auxilios. »

Os estudos do caminho do Calháo, sempre auxiliados pelo fazendeiro do Mestre de Campo, Antonio José Coelho, forão mais importantes do que inculcão as palavras citadas. Fez-se a principio o alinhamento por S. Jacintho, e lá está uma legua de estrada nessa direcção, com o nome de estrada do Calháo, feita só por conta da companhia. O caminho actual de Santo Antonio, só na primeira legua sahira de Philadelphia, custou á companhia não pequenas sommas.

Na continuação foi o trabalho constantemente presidido pelo engenheiro da companhia; que registrava as ferias dos trabalhadores, escravos de Antonio José Coelho.

Devia o commissario ter visto no ultimo livro de —Gastos Geraes— da agencia do Dr. Ernesto Ottoni lançado no dia 3 de abril de 1860, o pagamento de 623\$150 rs. feito a Coelho, importancia de 415 ½ serviços empregados na estrada do Mestre de Campo. E se pedisse o documento relativo acharia o mappa ou feria com o visto do engenheiro, justificando o pagamento.

Além disso confessa o commissario, que depois da encampação se pagou uma ponte sobre o Mucury, encomendada pelo ex-director da companhia em 1858, e feita por Manoel José de Carvalho, a uma distancia de seis leguas de Philadelphia.

Ora já se vê que, para commandante que não tinha polvora, não era pelo lado do Calháo, pequeno o fogo que se fazia.

Mas é no que diz respeito ás communicações com o Pessanha, que o ridiculo das fallacias, disputa o passo á mais intencional injustiça.

Começa o commissario:

« a populosa freguezia do Pessanha, encerrada em um recanto, não « tendo sahida propriamente sua para o littoral. adianta se corajosa ao « interior da matta, e aspira com justiça a um contacto mais directo com « o oceano. Renunciando achal-o por S. Matheus, abraça a esperança « de que lhe seja elle facilitado pelo Mucury. »

Tudo o que acabo de copiar, não é só muito bem dito, mas é também da mais rigorosa exactidão. Não assim, a afirmativa de que foi esta, uma das comunicações que a companhia deixou menos verificada.

Se o commissario quizesse estudar o archivo da companhia, reconheceria que o Pessanha foi o primeiro ponto de partida para as explorações da companhia do Mucury.

Acharia um itinerario de Augusto Benedicto Ottoni datado de 1850, contendo até o nome dos moradores collocados ao NE da freguezia em direcção á Caxoeira Grande do Suassuby, em uma distancia de onze leguas.

Acharia a carta e pedido de 1851 ao meu amigo Manoel Gonçalves Nunes vigario do Pessanha afim de fazer partir d'alli uma bandeira de trabalhadores, explorando o terreno, e abrindo picada para o Mucury.

Acharia um relatório escripto pelo meu saudoso e chorado amigo barão de Diamantina e assignado por Jesuino José da Silva, chefe de uma bandeira de quarenta e dous trabalhadores engajados por conta da Companhia que penetrarão do Pessanha até o Mucury, passando pelo Suruby e Agua Boa.

Saberia que as sete leguas do Poté á Trindade, são caminho do Pessanha.

Verificaria pelos meus relatórios de 1853 e 1854, que expendi mais serios estudos para o lado do Pessanha porque os encarregados por parte do governo de abrir d'alli caminho para S. Matheus, continuavam em suas tentativas, e eu esperava que essas explorações me facilitassem a tarefa, e allviassem a companhia de grandes sacrificios.

Em officio de 19 de fevereiro de 1854, publicado em appenso ao relatório desse anno, escrevia eu á presidencia de Minas o seguinte :

« Logo que chegou ao meu conhecimento que o governo de Minas estava disposto a abrir a estrada do Pessanha para S. Matheus pelo valle do Tambacury, julguei do interesse da companhia, esperar o auxilio que as explorações ordenadas pelos Exms. antecessores de V. Ex. devião trazer ao meu projecto de abrir comunicações de Philadelphia para o Pessanha. »

Nos annos seguintes estivemos na constante expectação do que farião os exploradores do Pessanha, e em meu officio ao inspector geral das obras publicas da provincia em data de 20 de Outubro de 1858 dizia eu ao inspector geral meu amigo José Rodrigues Duarte.

« As comarcas do Serro, Jequitinhonha, e S. Francisco tem sido largo tracto de tempos esquecidas no que toca ás vias de comunicação. hoje o brado das necessidades de duzentos mil mineiros. já tem felizmente encontrado órgãos e sympathias. Ufano-me de que a companhia do Mucury tivesse a precedencia nesta nova era que raiou para o norte de Minas. »

« Certo de que no futuro as comunicações do norte de Minas com o litoral, hão de por lei indclinavel convergir para o unico ponto da costa onde, desde o Rio-Doce até Canavieiras em uma distancia de quasi 100 leguas, a natureza collocou o unico porto e bahia capazes de almentar a navegação de longo curso ; eu tenho a plena certeza de que todas as estradas do norte de Minas, hão de entroncar-se na do Mucury, cujo prolongamento de Santa Clara para léste, vai ter a esse magnifico porto que é a princeza dos Abrolhos, a cidade de Caravellas. »

« Assim tenho o desvanecimento de que se continuar peça inteirica a rica e poderosa provincia de Minas-Geraes, caber-me-ha a gloria de dar-lhe um magnifico porto de mar, e quando uma nova estrella se tenha de destacar da constellação mineira, será em todo o caso uma filha que não ha de desmentir a sua origem »

« Estas considerações, porém, sou o primeiro a reconhecer que mais pertencem ao futuro. »

« Vou pois nas minhas informações, restringir-me ás necessidades mais palpitantes da actualidade.... »

« A freguezia do Jacury era ha 10 annos uma matta exclusivamente occupada pelos selvagens. Hoje é uma freguezia, e além do toucinho e outros generos alimenticios que já exporta para a Diamantina, está se occupando em larga escala da producção do café, que segundo sou informado ali se dá magnificamente. »

« O Jacury está também em comunicação com Philadelphia, por veredas quasi intransitaveis que atravessão os valles do Surubim, da Arapuca e da Trindade. »

« A importancia que vão tomando estes diversos valles, todos de terrenos excellentes para a agricultura, é extraordinaria, e demanda séria attenção da administração publica. »

« O Pessanha, por exemplo, vai comprar sal do Calháo, na distancia de 54 leguas, a saber : 6 ao Jacury, 6 ao Rio Vermelho, 6 a Penha, 6 a S. João, 15 a Minas-Novas e 15 ao Calháo. No Pessanha está pouco mais ou menos a 24 leguas de distancia de Philadelphia, e pelo

« rumo a menos de 40 leguas do Calháo, como V. S. póde verificar no
« mappa organizado nessa provincia, por ordem do Exm. Sr. presidente
« Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, e terminado pelos engenhei-
« ros Halfed e Vagner. »

« No mappa Halfed e Vagner V. S. póde verificar a pequena distan-
« cia que ha da Caxoeira-Grande do Suapuhý á matta da Trindade, são
« menos de 10 leguas. Ora, do Pessanha á Caxoeira-Grande são 11
« leguas de caminho em grande parte feito e povoado. Da matta da
« Trindade ha caminho para Philadelphia com 13 leguas, e para o Calháo
« com 25. »

« Já vê pois V. S. que uma estrada de menos de 40 leguas, ligando
« a Caxoeira-Grande do Suapuhý á matta da Trindade, daria um consi-
« deravel auxilio ao commercio do sal, ou do Calháo, ou do Mucury para
« o Pessanha. »

« Talvez este serviço fosse de mais importancia do que as explora-
« ções directas do Pessanha para S. Matheus, que lon ge está de mim o
« condemnar, mas que largos annos se passarão sem darem resultado
« satisfactorio. »

E no entanto o Pessanha por si mesmo ia-se aproximando de Phi-
ladelphia.

Em 1855 comprei em Philadelphia farinha de trigo de Pessanha,
vinda em tropa que não achava caminho senão pelo Jacury, Rio-Ver-
melho, S. João, Capelinha e Alto dos Bois, fazendo um circuito de
quarenta e seis leguas, que é a distancia que o commissario do governo,
erradamente suppõe que ainda o anno passado se contava entre os dous
pontos pelos caminhos conhecidos.

Mas não é assim. Tendo afluído a população do Jacury para Agua
Boa, Philones e Trindade, em 1860 vierão tropas comprar sal a Phila-
delphia atravessando aquelles pontos, e a viagem já estava assim redu-
zida pouco mais de trinta leguas, do qual limite pouco poderá descer.
Ainda em 1861, o Dr. Ernesto Ottoni viajou por todos esses pontos.

No entanto o commissario do governo, depois de amesquinhar os es-
tudos da companhia, traz ao conhecimento do publico um *esclarecimen-
to especial* de recente data.

Diz o seguinte á pag. 15.

« Querendo eu, ao achar-me em Philadelphia, verificar até que ponto
« erão exactas as noticias que sobre a proximidade do Pessanha davão
« alguns moradores da povoação, dirigi-me semi-officialmente ao cidadão

« Remigio Electo de Souza, morador naquelle logar, confiando a carta
« a um dos indigenas da aldeia do Poton, e encarregando-o de trazer
« a resposta. Esta chegou-me ás mãos mezes depois, facilitando-me
« alguns esclarecimentos, e de certa maneira annunciando-me a explora-
« ção que dali a pouco se verificou por parte de alguns habitantes do dis-
« tricto. »

« As noticias por elles transmittidas davão o Pessanha a 7 dias de
« marcha de Philadelphia, o que pela matta virgem corresponde de 22 a
« 24 leguas. »

« Concedendo, porém, que essa distancia chegue a 26, ou mesmo
« 28 leguas, como as posições geographicas dos dous pontos parecem in-
« dicar, ainda assim resulta uma diminuição de 16 a 18 leguas nos
« caminhos actuaes. »

Em primeiro logar, não é exacto que se a distancia de Philadelphia
ao Pessanha ficar reduzida a 28 leguas, haja uma redução de 18 leguas
para que se caminha actualmente, porque seguindo de Philadelphia pela
Trindade, Arapuca, Piloens, Agua-Boa, S. Felix e Jacury, por onde como
acima informei, já tem passado tropas com cargas de sal; a distancia de
Philadelphia ao Pessanha pouco excede de 30 leguas, por terreno que
actualmente está todo povoado.

Portanto é imaginaria essa diminuição de caminho pela picada dos
fazendeiros do Pessanha de que falla o commissario.

Expondo o *esclarecimento especial*, attribue o commissario a inicia-
tiva sua e convite, a exploração feita pela bandeira que chegou a Phi-
ladelphia, vinda do Pessanha. No fogo da composição de seu relato-
rio, imaginando que outros nada tinham feito, S. S. acreditou que os
fazendeiros do Pessanha apparecêrão em Philadelphia, chamados por uma
carta que expediu por um indio de nome Barriga.

Ha nisto manifesta equivocação. O commissario já o havia asseve-
rado na imprensa, e como casualmente tal asseveração contradizia um
officio do Agente A. Ottoni, tambem publicado na imprensa; meu mano
solicitou do director da colonia de Philadelphia, a declaração (documen-
to n. 3) pela qual verá V. Ex. que quando a bandeira do Pessanha chegou
a Philadelphia, ainda Barriga não se havia movido de sua aldeia, e vinhão
os pessanhistas, em demanda dos agentes da companhia, sem terem conhe-
cimento de que o Mucury tinha tido a grande fortuna de ser encampado,
e que havia lá possuido alguns dias, um commissario por parte do gover-
no imperial.

Portanto a resposta que veio ás mãos do nobre commissario, mezes depois, não podia annunciar que se hia verificar por parte de alguns habitantes do districto, a exploração que se havia feito *mezes antes*, e não d'ahi a pouco, como por um innocente lapso penne, diz o nobre commissario. Faço esta pequena rectificação porque S. S. já tirou tanta gloria do Mucury, que para ir o seu nome á posteridade, não lhe são preciso sem duvida vestidos alheios. Eu peço pois, a S. S. que deixe a expedição pessanhista, para ser levada antes á conta do agente Augusto Benedicto Ottoni, em desconto dos grandes peccados que S. S. teve a falta de caridade de suppor-lhe.

Em todo o caso, eu applaudo sinceramente que se mandasse abrir esse novo caminho do Pessanha. Sómente preferia que se melhorasse o caminho povoado de Trindade, Piloens e Jacury. Mais applaudiria ainda, a realizarem-se as demais presumpções de S. S.

« Se como tudo faz presumir, merecendo igual solicitude do governo imperial, as demais communicações do Alto Mucury, Philadelphia não será mais o ponto extremo e destacado do tempo da companhia, (Pobre companhia!) ou um paradeiro para o commercio de transito. Será pelo contrario, o centro onde convergirão o commercio e industria de um extensissimo territorio, que póde assim lindar-se ao Sul a cidade do Serro, ao Oeste Formigas e ao Norte Rio Pardo, raios que comprehendem Minas-Novas, a Diamantina e o Calháo, e ás populosas freguezias que lhes pertencem. »

Eu ousou chamar a attenção de V. Ex. para as palavras não suspeitas que copio. Possão ellas ser meditadas por V. Ex. e pelo governo imperial. Se eu tenho escripto mais desenvolvidamente sobre este objecto, é na esperanza de que o Governo Imperial reconheça a importancia daquelle região, e lhe valha.

Posso prescindir dos capitulos. — *Estabelecimentos da companhia — Colonisação Européa, população nacional — Cathequese dos indigenas e Terras da companhia* — que aliás occupão 43 paginas do relatorio a que respondo.

Ha enexactidões que não val a pena rectificar, mas as informações sobre os trabalhos da companhia, e os dados estatísticos que contêm essa parte do relatorio, merecem tambem a attenção do governo.

Por minha parte, contento-me de registrar alguns topicos.

A pag. 31, diz o relatorio quanto aos estabelecimentos da companhia: « Os objectos que a empreza do Mucury tinha em vista, exigião a

« fundação de um certo numero de estabelecimentos, que devião ao mesmo tempo servir de apoio á viabilidade, de motivo do commercio, e de centro á colonisação. »

« Exceptuada a villa de S. José de Porto-Alegre, era um extenso deserto o que a companhia tinha a devassar, e cumpria-lhe sahir ao encontro de todas as necessidades inherentes a um territorio recém-aproveitado. »

« Este dever, ou pelo menos esta conveniencia, foi uma daquellas a que melhor attendeu a companhia do Mucury, e se censura lhe coubesse, seria a de ter empregado ahi meios excessivos, em relação ás suas forças. »

Confessa a pag. 94 que « os estabelecimentos, representam um valor muito mais crescido do que ahi (na escripturação) apparece. »

E no entanto avaliou-os o commissario quasi 30% menos do que estão na escripturação, isto é, no inventario.

Quanto á colonisação Européa, desde que o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, confessou na camara dos deputados, que a companhia do Mucury tinha sido victima de *indignidades* da parte de um agente de S. Ex., unico accusador da companhia, e em vista de informações que estão no dominio do publico, eu nada teria que accrescentar. Mesmo neste capitulo, tenho que agradecer a defeza que ahi se me faz das accusações que mais me amargurão. E' sabido que se me imputou ter escasseado soccorros aos meus colonos durante uma horrivel epidemia, e have-los abandonado caridade alheia, dando triste documento de minha humanidade e sentimentos christãos.

A continuação da injustiça neste ponto, ser-me-hia dolorosa, mas o relatorio ultimo acompanhou em suas apreciações o juizo favoravel que havião emitido autoridades insuspeitas, como o commissario do governo Dr. Sebastião Machado Nunes. Nem discuto a accusação de imprevidencia, que se me lança ainda. Confessarei mesmo que, a censura é talvez cabida contente de poder registrar mais um testemunho de que me commovi ante a desgraça de meus semelhantes; que não mostrei o coração duro que se me suppoz, e que ao contrario ao menos pratiquei a caridade christã.

Eis o juizo do commissario consignado a pag. 44. « E' por demais dizer que se a defeza que de si fez a companhia parece insufficiente, as accusações que lhe foram assacadas tem muito de declamatorias, e até de calumniosas. »

A verdade singela, importa neste caso a exacta apreciação dos « successos. »

« A insalubridade periodica do Mucury se pronuncia todos os annos com bastante energia para dispensar auxiliares, e se no maior numero de casos as febres intermitentes cedem a um acerto tratamento, o seu melhor antidoto é a mudança da estação, ou a transferencia do doente para localidade diversa, sobre tudo para a Philadelphia. »

« Consequentemente a responsabilidade da companhia não pôde ir além do facto da sua imprevidencia, por que é innegavel que revelado o mal, não poupon esforços para o combater. »

« Não só deixou de calcular sobre as despesas que um melhor tratamento dos colonos devia trazer-lhe, mas ainda fez sacrificios de todo o genero para que nada lhes faltasse, ainda mais, o proprio director da empresa, e seu irmão Dr. Ernesto Benedito Ottoni se apresentarão no meio do flagello, exemplificando assim uma louvavel dedicação. »

« Antes havia dito a pags. 40 fallando dos trabalhos da companhia em 1859. »

« A colonisação era o maior, senão exclusivo afan da companhia.

« A timidez primitiva sobre este objecto succedêra um febril ardor.

« A parcimonia em trazer emigrantes, seguira-se a avidez de alcança-los promptos, e em grande numero, de modo que o Mucury chegou momentaneamente a rivalisar com as mais fortes empresas colonisadoras do Imperio. »

« Resultado em parte desse proceder da companhia, e em parte filho de uma ruim fatalidade, deu-se o facto de se acharem accumulados mais de 500 emigrantes na época pestifera do anno, e no logar mais insalubre do Mucury. Seguiu-se o lugubre e doloroso painel que o paiz contemplou, e cujos traços não são deste logar. »

« E' justiça no entanto, dizer que, se de imprevidencia foi culpada a companhia nesse fatal desastre, muitos esforços envidou ella depois para resgatar o seu erro ou attenua-lo. »

Quanto ás terras, cuja propriedade a companhia adquiriu nada é preciso que eu diga, visto que a legitimação de 291.013,969 braças quadradas foi feita segundo as instrucções e explicita approvação de diversos presidentes da provincia de Minas, que estão muito alto collocados para necessitarem de minha defeza. Fallo dos Srs. senadores F. D. Pereira de Vasconcellos, Herculano Ferreira Penna e Carneiro de Campos, e do actual presidente de Santa Catharina padre Vicente Pires da Motta.

Ponderarei simplesmente que o relatorio labora em manifesto equivo-co quando acredita que tendo a companhia 3.520,890 braças quadradas (é o que só lhe concede) em pastos e culturas, este é o unico terreno aproveitado; e que só podendo o posseiro 1º occupante, legitimar o dobro do terreno aproveitado nunca a companhia poderia ter legitimado regularmente 291.013,969 braças quadradas. O equivoco nasce especialmente, de não considerar o relatorio que, terreno aproveitado na linguagem do regulamento das terras, tratando-se de posse encravada em dominio nacional, significa o mesmo que limites da posse. E os limites da posse ou terreno aproveitado, são determinados por arbitros, de cuja decisão declara expressamente o regulamento, que não ha recurso algum ainda que se annulle a medição.

Não desenvolverei esta questão que para mim não tem actualidade.

Tenho perpassado o relatorio do commissario liquidante da companhia do Mucury, em suas observações sobre a empresa em si, e sobre os trabalhos que a companhia executou.

Fi-lo perfunctoriamente, sem pertender analysar o relatorio, e o pouco que escrevi, nasceu tambem do desejo de levar o governo, a olhar com os olhos de justiça, senão de benevolencia para os centos de milhares de brasileiros, 3, a quem aproveita a viação do Mucury.

Vou agora occupar-me da defeza de minha honra, e da honra dos agentes da companhia do Mucury, dous especialmente que são meus irmãos, os quaes forão para o Mucury por dedicação para comigo, e que na gestão da companhia não podem ter culpa venial que minhas não seja.

Vou tomar em consideração o que diz o relatorio sobre a :

Gerencia, escripturação e contas antigas da Companhia.

Pelo contracto de encampação da companhia do Mucury, ficou pertencendo ao governo tudo o de que a companhia era possuidora.

Para verificar o quantum do inventario devia subentender-se, que o cessionario adquiria a faculdade de examinar a escripturação da companhia.

Não podendo porém, em caso algum ter mais direitos do que os dos accionistas a que succedia.

A companhia Mucury tinha uma organização especial.

Eu acceitei a gerencia da companhia, mediante um voto de confiança o mais formal e o mais absoluto.

Podia ser o expediente desvantajoso, mas era a lei.

O art. 1º me dava carta branca para administrar a empresa como julgasse mais conveniente aos interesses della.

E como se não houvesse ainda sufficiente dóze de arbitrio nesta indefinida antes ampla autorização, veio o art. 14 determinar no § 8º, que o capital dos accionistas podia ser empregado :

« Nas despesas que a juizo do director fossem indispensaveis para « ser posta a empresa em execução e andamento. »

Contra os desperdícios, e má administração, os accionistas tinham um unico correctivo.

Demittir-me.

Mas o que eu tivesse feito antes da demissão, estava feito.

Assim o governo cessionario da companhia, para tomar conta do que era seu, nada tinha a fazer senão comparar o inventario com a escripturação.

No entanto o relatorio procura fazer sabatina com a administração anterior, que se julga autorizado para chamar a contas.

E faz-me uma diatribe indecente da qual se torna solidario o Exm. antecessor de V. Ex., desde que elogiou o bom desempenho da missão do commissario.

Desde que fez este elogio perante o parlamento, depois de haver-se o seu commissario vangloriado na imprensa, de ter tido por principal missão no Mucury, *debellar a familia Ottoni*..

Sou accusado de nada menos, do que de haver feito da empresa do Mucury, *uma encarnação da familia Ottoni*.

Para que mais impressão produzissem as insinuações injuriosas, disse o commissario que « haveria logar a graves commentarios, se a « natureza deste documento não os dispensasse.

« Quer salvar a propria responsabilidade sobre abusos que porventura « existissem na administração da companhia e que houvessem escapado « ao seu exame. »

« A administração da companhia esteve entre os irmãos, cunhados e primos do director. »

Cada uma destas proposições, torna mais graves as accusações a que vou responder.

Começarei declarando, que effectivamente tive no Mucury como

agentes de minha confiança especial irmãos, cunhado, primos e a estes deleguei mais de uma vez os meus amplos poderes para procederem como se eu fosse.

Seja isto dito sem declinar da responsabilidade que ainda hoje assumo com prazer, de tudo quanto elles fizerão na qualidade de agentes da companhia, sendo certo que em todo o caso, ausente ou presente era minha opinião que, uma vez conhecida preponderava sempre.

O commissario do governo o diz, asseverando que eu era : « não só « o centro, mas a idéa, a vontade, e a fórma, a alma emfim da empresa. » Que, « tudo dimanava (de mim) pessoalmente. Que, « fóra (de mim) « não existia mais do que a acção passiva e material. »

E eu aceito a declaração, até que porque, modestia a parte, contém ella a exacta verdade.

Mas dahi senão segue que, as attribuições de cada um dos agentes mesmo no caso de delegação dos poderes discrecionarios que eu tinha, não estivessem perfeitamente definidas, em numerosas instrucções que o commissario do governo leu no copiadador da companhia, dividido em 5 volumes com mais de mil paginas.

Nesses livros e no archivo da companhia, abundão as informações para com perfeito conhecimento de causa, « *aprofundar-se a marcha « da companhia e tudo quanto*, é indispensavel para moralisá-la, como « associação mercantil. »

Assim o entenderão e repetirão em cada anno, na apresentação e approvação das contas, as commissões de exame, e os delegados do governo de Minas.

E já essas commissões reconhecião a participação que na gerencia da companhia, tomava a familia Ottoni.

Então erão canticos, hoje são injurias.

E' a Rocha Tarpeia depois do capitolio.

Em 1854, fallando ácerca de medidas propostas no relatorio, disse a commissão de contas, que ellas :

« Revelávão a consagração mais completa, a identificação mais « perfeita de todos quantos tem a seu cargo o meneio e gestão dos « negocios da companhia ; não ha sómente um director, ha uma familia « inteira de lidadores incessantes que, privando-se das doçuras do lar « domestico, sacrificando todos os commodos da vida, e o que é mais ha- « rateando a saude e até a propria existencia, se consagra da maneira a « mais absoluta, a zelar os interesses da companhia. »

Fallando sobre o balanço, dizia a mesma comissão :

« Pelo que respeita á escripturação, e contabilidade, a mais perfeita a regularidade, a melhor ordem, a maior clareza. »

Este documento que foi publicado nos jornaes da época, está assignado pelo fallecido conselheiro João Duarte Lisboa Serra como relator, e pelo conselheiro Bernardo Ribeiro de Carvalho e Dr. José Agostinho Vieira de Mattos.

Cada anno se repetia a prestação de contas, e os exames tinham sempre o mesmo resultado.

Ainda em 1858 o parecer da comissão diz o seguinte :

« O balanço patentea o estado da companhia, cumprindo-nos o dever de assegurar-vos que a escripturação se acha em dia, e que as verbas do balanço conferem exactamente com as contas de que forão extrahidas. »

Mas eu quero imaginar que nunca existirão balanços, e contas da companhia do Mucury examinadas por comissões de accionistas, e approvadas pela assembléa geral.

Mesmo admitto que essas approvações são muitas vezes meros votos de confiança, dados aos administradores das companhias. E nos documentos a que acabo de alludir com referencia á relatórios e balanços annuaes da companhia, sempre levados ao conhecimento da imprensa, não quero que outra cousa se veja, se não a prova de que os livros que ora apresentam são os mesmos, e os unicos que existem desde a fundação da companhia, e não outros, como em sua honestidade e escrupulos, imaginou que podião, ser o commissario do governo a pretexto de que o copiadador e o Diario, não estão rubricados. Facto que reconheço, e de que não declino as consequencias legais.

Admitto com prazer a hypothese de que não tivesse dado contas, e estou prompto para prestá-las desde a origem da companhia, e a justificar parcella por parcella todas as verbas de receita ou despesa sobre que houverão objecções.

Porei de parte as pretenciosas prelecções que dá o commissario criticando o systema de escripturação da companhia. Sobre esse ponto, direi simplesmente que a escripturação da companhia, foi montada pelo distincto guarda-livros da Associação Central da Colonisação Henrique Pereira Leite Basto, a cujo cargo estive até 1858, e que se lhe parecer responderá ás censuras.

Eu descerei aos factos. Diz o relatorio a pags. 88 :

« O lugar em que a companhia funcionava em grande escala era no Mucury, e pois as respectivas agencias mais do que o escriptorio central erão responsaveis pelos capitães da empresa. No entanto nada mais irregular do que o seu systema de escripturação, por que limitava-se a uma conta de caixa com muita irregularidade, e alguns apontamentos de contas correntes. »

Ha nesta apreciação a mais clamorosa injustiça e enexactidão.

Segundo as intrucções do guarda-livros Leite Basto havia em cada agencia um livro caixa, que era com effeito a base principal da escripturação, e sufficiente me parecia, visto que se tratava de uma repartição, que no seu começo estava destinada pura e simplesmente para pagadoria das despesas feitas, com estradas, roçados e edificios.

Em cada agencia teve a caixa por auxiliar desde o principio o livro dos gastos geraes, ao qual a proporção que o forão exigindo as necessidades do serviço, se acrescentou o de entradas e sahidas de cargas, e o de sal.

Esses livros existião ha annos em todas as agencias e dão idéa clara das transacções de que devião guardar a historia.

Tanto em Santa Clara como em Philadelphia, havia tambem além do correntes geral o das contas dos colonos, livro que nada deixava a desejar tendo em frente do nome o debito de cada um. Deste livro não diz uma palavra o commissario, porque não quíz vê-lo.

O Dr. Sebastião Machado Nunes que visitou o Mucury em 1860 como commissario do governo, e que não levava a missão de debellar a familia Ottoni, diz ácerca da regularidade com que, se fazia a escripturação da vida dos colonos, o seguinte :

« Dous caixeiros subordinados, aos dous agentes, (de Philadelphia e Santa Clara) são os encarregados da distribuição dos generos aos colonos. Este serviço *pareceu-me feito* com regularidade, entregando-se ao chefe de cada familia uma caderneta, na qual são lançados, no fim de cada mez, os generos recebidos, e os seus preços. »

D'ahi se vê como seria facil e livre de duvidas a escripturação com os colonos. Prosegue o relatorio :

« As contas que ellas (agencias) davão como elemento para a escripturação central erão simples relações de gastos que fazião com trabalhadores, empreiteiros etc.

Sendo que :

« As contas das agencias rara vez erão acompanhadas de documentos, ou outra qualquer garantia além da assignatura do agente. »

Não se póde levar á mais o desembaraço.

Essas simples relações de gastos erão, e são (as que ainda *não desapparecerão*) nada menos do que uma 2ª edição do livro caixa das agencias copiada em cadernos de papel, cosidas as folhas umas ás outras: trazem as que existem, e trazião todas o seguinte rotulo :

Companhia do Mucury.
Copia
Do livro caixa
em
Philadelphiah
de tal a tal data.

No fim do anno financeiro da companhia, vinha assim a caixa, onde engenhosamente se espelhavão até as contas correntes, porque quando um individuo se constituia devedor da companhia, v. g., por encomendas que lhe ião do Rio de Janeiro, fazia-se na caixa a entrada, e dava-se sahida, que estabelecia o debito.

Esta 2ª edição da caixa, bem semelhante ás que as caixas filiaes do banco do Brasil, remettem á administração central, vinhão acompanhadas dos documentos justificativos, que nem uma só vez em 10 annos de existencia da companhia deixáráo de ser apresentados ás commissões de contas.

E o commissario que havia liquidado o livro-caixa de Philadelphia, e que havia assignado com o commissario de liquidiação por parte dos accionistas, o competente termo como V. Ex. póde ver no livro dos termos existentes nessa secretaria ; custa a crer como é que tão pouco tempo depois, vem dizer que as agencias só davão para a escripturação central simples relações de gastos !

O mais grave porém, começa agora. Ouçamos o relatorio. O que, tem dito, refere-se ás ultimas agencias de Santa Clara e Philadelphia, cujos livros diz que examinou (pag. 88).

« Não achando os livros das agencias anteriores. Achei porém « as suas contas em forma de rol de despeza, quasi todas desacompanhadas de documentos. »

Aqui diz que o que faltava em absoluto erão os livros e quasi em totalidade os documentos.

Mas a pag. 90 já não faltão sómente livros e documentos mas tambem essas mesmas contas que *havia achado*...

Diz a pag. 90 : « as seguintes quantias devião constar de contas « especiaes *não achadas nos respectivos maços* e que em maior numero « pertencem ás agencias. »

Lamenta o commissario que, das contas que faltão e referem-se ás parcellas mencionadas seja uma de 181:848\$361 do agente Augusto Benedicto Ottoni.

E para mais aggravar a falta desta conta, diz que se existisse, poderia a conta mostrar, se é com effeito duplicata, como parece a somma de 10:488\$973, que vem identicamente capitulada nas partidas 176 e 232!

Apressemos-nos a confessar, que a ser verdade o que acabo de expôr não havia justificação possível para o director da companhia do Mucury. Os agentes ainda poderião defender-se com as ordens superiores, como o fizerão em 1852 os empregados do arsenal de guerra, mettidos em conselho de guerra, e absolvidos. Mas o presidente da companhia, ficava *compromettido* como o ministro da guerra de 1852.

Se houvesse sombra de verdade em uma só das proposições transcriptas, debellada estava a familia paria.

E bem ganho tinha sido o dinheiro que para tal fim, diz o commissario que recebeu.

Com effeito, diante de verbas de centos de contos, justificadas apenas com um nome proprio, e com as palavras — serviços feitos — trabalhos nas estradas —, fôra a mais pungente ironia o notar simplesmente como o fez o magnanimo commissario a :

« Ommissão de praticas commerciaes geralmente acceitas, e afeição « generica de informalidade : » desejando que tivesse havido, « maior « prolixidade no sentido de *estabelecer em documentos o que sem duvida « estava ao conceito de todos.* »

Comprimindo a indignação que em mim excitou a hypocrita generosidade do relatorio levado ás camaras, e elogiado pelo Sr. conselheiro Manoel Felizardo, eu lembrei-me do que devia a mim mesmo, aos membros de minha familia envolvidos na administração da companhia, e ao publico.

V. Ex. vai ver, que nossa defeza é simples. e que nunca calumniador algum foi mais cabalmente desmascarado.

Como V. Ex. já conhece qual era o systema de escripturação, ado-

ptada pelas agencias da companhia, bem vê que, não era possível ácerca de sommas tão avultadas, existir simples menção na escripturação central, com referencia a rões de despeza.

V. Ex., já sabe que esses rões de despeza, nada menos erão do que a segunda via da caixa de cada agencia, e que se não criminosa abafasse esses chamados rões de despeza, devião existir as fontes originarias delles, isto é, os livros da agencia, e os documentos justificativos.

Tudo ahi está, Exm. Sr. ! livros e documentos !

Não ha uma palavra de verdade, nas infelizes asseverações que acima transcrevi do libello famoso.

Para o demonstrar convoquei os dignos cavalheiros que havião servido como membros das commissões de contas, e que actualmente existem na corte, e lhes apresentei os livros, os documentos, e a seguinte conta extrahida dos mesmos livros, pelo ex-guarda-livros da companhia, Henrique Pereira Leite Basto, conferida com os livros e com os documentos, não sómente por elle, como tambem por duas outras autoridades, igualmente versadas em escripturação, os Srs. Sebastião Ferreira Soares distincto empregado do thesouro e João Antonio de Magalhães Calvet, digno director da fazenda aposentado da provincia do Rio de Janeiro.

Extrahio-se para exemplificar a conta correspondente á maior das addições dos 545:037\$070 de que se disse não existir, senão a nota no Diario, isto é, a conta de 181:848\$361.

Fôra simples repetir linha por linha essa conta que o commissario não achou no maço.

Bastava copiar uma 3.^a via de livro-caixa.

Assentei melhor fazer extrahir antes uma conta que em quadro facil de ser apréciado, puzesse bem ás claras como é que a agencia de Philadelphia gastou o dinheiro da companhia, de 1.^o de janeiro de 1856 á 31 de maio de 1857 praso da conta. Essas despesas estão lançadas dia por dia em mais de 600 addições, cada uma justificada com o competente documento.

Fiz agrupar as contas pagas a cada empreiteiro ou a cada serviço, para assim poderem ser mais facilmente moralisadas.

Dividiu o guarda livros as parcelas da conta em duas categorias.

1.^a Dos dinheiros pagos a empreiteiros que se encarregavão de juntar trabalhadores a jornal e para serviços de empreitada.

2.^a Dos dinheiros empregados directamente pelo agente da companhia ou seus prepostos.

Na caixa, como era natural, estão as despesas lançadas por ordem

chronologica, e assim forão transportadas para o diario, mas quem vê o livro-caixa, não pôde fazer n'um lance d'olhos, um juizo seguro ácerca do emprego das sommas da agencia de Philadelphia. Com a classificação das despesas, como se fez na conta que passo a apresentar, o movimento da agencia se reconhece, e se aprecia em um quadro resumido, porém claro e significativo.

Eil-o :

« Resumo da conta da Agencia de Philadelphia, de 1 de Janeiro de 1856 a 31 de maio de 1857, formulada á vista do respectivo Livro Caixa e dos documentos comprobativos, a saber :

Pagamentos aos empreiteiros seguintes :

1. ^o Joaquim Pereira da Silva. Documentos ns. 1 a 19	14:372\$903
2. ^o Antonio J. Coelho e Manoel José de Carvalho.....	» » 20 » 27 13:150\$720
3. ^o Francisco Vaz Mourão....	» » — » 28 7:310\$572
4. ^o Manoel Esteves Ottoni....	» » 29 » 39 6:282\$400
5. ^o Joaquim Vieira de Pina..	» » 40 » 43 6:243\$552
6. ^o Honorio Esteves e Santos Neiva	» » 44 » 46 6:012\$360
7. ^o Angelo Martins Caldeira.	» » 47 » 52 5:069\$089
8. ^o Joaquim J. de Araujo Maia.	» » 53 » 70 4:388\$585
9. ^o João José de Araujo.....	» » 71 » 74 3:739\$570
10 Leonardo Esteves Ottoni..	» » 75 » 83 2:526\$660
11 João José de Figueiredo..	» » 84 » 88 1:594\$000
12 Manoel Cardoso de Faria..	» » 89 » 90 1:400\$000
13 Manoel Alves de Mendonça.	» » 91 » 92 1:198\$800
14 Manoel Pereira de Carvalho	» » 93 » 95 1:019\$120
15 Antonio Dias de Araujo...	» » 96 » 103 630\$578

74:938\$909

Pago pelo seguinte :

16 Serviços, ferias, jornaes, mantimentos e gado.....	» » 104 » 393 (*) 48:143\$714
17 Supprimentos á Colonia Militar de Urucú.....	» » 394 » 500 21:115\$172

144:197\$795

(*) O documento 393 é um maço de 94 notas pequenas; e accrescentei 5 reis na somma dos serviços por empreitada, differença que havia para combinação d'esta conta.

Transporte		144:197\$795
18 Despezas geraes, empregados, feitores e tropeiros, por conduções, expressos, remedios, tratamento de doentes, etc. etc.	Documentos ns. 501 » 552	20:617\$361
19 Por adiantamentos feitos á caixa	» » 553 » 556	7:739\$566
20 Compras de bestas muars e cavallares	» » 557 » 563	4:347\$000
21 Derrubadas	» » 564 » 572	1:930\$000
22 Ferramentas e materiaes ..	» » 573 » 583	1:487\$414
23 Terras compradas	» » 584 » 586	899\$848
24 Avarias e extravios decargas	» » 587 » 590	307\$377
25 Empréstimos a colonos...		333\$000
26 Extornos		19\$000

Total da conta — Rs. 184:848\$361

O guarda-livros, Henrique Pereira Leite Basto.

Declaramos que verificamos com os livros e com os documentos probatorios a veracidade e certeza desta conta em todas as suas partes. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1862.—Sebastião Ferreira Soares.—João Antonio de Magalhães Calvet.

Na 1ª categoria da conta acima apparece como primeira addicção, a quantia de 14:372\$903 paga a Joaquim Pereira da Silva, somma de dezenove parcellas justificadas não só com os recibos de Pereira como tambem com attestados de um digno e sisudo engenheiro prussiano Julio Burrow, ainda hoje morador em Philadelphia. Pereira, fornecia trabalhadores a jornal de 1\$500 por dia, inclusive sustento e ferramenta. Trabalhárão os escravos a mor parte de tempo sob as ordens do engenheiro Burrow que cada dia dava ao administrador de Pereira uma nota assignada do numero de trabalhadores, e no fim do mez vinha a feria dos serviços, documentada com as notas do engenheiro, e ainda com o recibo do proprietario que falleceu em 1858. Era por um tal processo que se pagava a feria dos trabalhadores a jornal.

Se o commissario quizesse, poderia por meio de um inquerito verificar que este empreiteiro, residente na serra do Grão-Mogol, depois de ter trabalhado em empreitadas da estrada de Santa Cruz e em Philadel-

phia de 1852 a 1854, voltou em 1856 com perto de 100 escravos que estiverão occupados na estrada de Santa Clara, de julho de 1856 a agosto de 1857, e que sob as ordens dos engenheiros Hor, Burrow e Schlobach, fez o principal serviço da estrada na planicie 3 leguas abaixo da Philadelphia, e depois nos valles do ribeirão da Arêa, Boa-Vista e S. Domingos.

Os documentos justificativos desta primeira addicção, provão a leviandade com que o commissario se abalançou a asseverar a pagina 88, que nos trabalhos da companhia, não se usava fazer a fêria individual dos trabalhadores.

A 2ª addicção foi paga, como se vê dos documentos em parcellas, a Antonio José Coelho e Manoel José de Carvalho, que talvez são os dous mais ricos fazendeiros do Mucury.

Forão pagamentos da empreitada de meia legua ao chegar ao Poton, e outra meia legua ao chegar ao correjo do Ouro, bem como do saldo de empreitadas na estrada de Santa Cruz, conforme os respectivos contractos.

3.ª addicção idem de 3 quartos de legua do Poton a Tamonhee onde o commissario notou as cavas de 50 palmos de altura, e a primeira meia legua no valle da Canabraba, como tudo igualmente consta dos respectivos contractos.

Do mesmo modo poderia apontar os lugares, empreitadas ou serviços em que cada um dos outros fez jus ás parcellas que recebeu, e assim habilitar a V. Ex. para mandar querendo fazer um inquerito sobre os lugares. Limite-me porém a por na presença de V. Ex. os contractos de que tratão as empreitadas pagas n'esta conta (e), e reconhecerá V. Ex. a revoltante inexactidão com que o commissario diz a pags. 89 :

« Outra especie de dados faltão na escripturação da companhia, são « os contractos. »

Além destes contractos que ora vão no meu officio de abril de 1861, remetti ao governo imperial um grande numero delles, e especialmente o contracto celebrado com Schlobach & Morgenstern, unicos agentes de colonisação, que a Companhia teve na Europa, e é portanto admiravel que estando nessa secretaria o unico contracto de agencia de colonisação na Europa, se tenha o desembaraço de escrever como se vê a pags. 19.

« Não achei no archivo os contractos definitivos para a remessa de colonos.

O mesmo officio acompanhára tambem o livro de contas correntes des colonos de Santa Clara, que lá está na secretaria. E não havia li-vros nas agencias anteriores ! . . .

Passemos as addições contempladas na 2ª categoria. Diz a 1ª :

« Serviços, férias, jornaes, mantimentos e gado 48:443\$714. »

Justificação esta verba 289 documentos e entre elles figurão muitas contas de prepostos e feitores da agencia, para desmentirem outra declaração do commissario do governo á pag. 88 do seu relatório: « Que não haviam contas parciaes de encarregados. » Se se notar, como o provão os documentos e o confirma a caixa da agencia, que durante o lapso de tempo da conta, é que maior progresso tiverão as obras da companhia; se se notar que entre outras despesas, contempladas nesta verba estão os gastos com os carpinteiros, serventes e materiaes para os edificios que a companhia elevou em Philadelphia, a respeito dos quaes o relatório informa a fl. 31, que:

« Esta conveniencia foi uma daquellas á que melhor attendeu a empresa do Mucury, e se censura lhe coubesse, seria antes a de ter em pregado ali meios excessivos em relação ás suas forças: »

Se se notar que foi nesse tempo, que a companhia mais se occupou no aformoseamento de Philadelphia, devendo ter muito feito para que depois de tres annos de abandono ainda o commissario se visse, ao seu aspecto, obrigado a denomina-la *bella ruina*:

Se se notar, que nesta verba estão contemplados os salarios de cerca de 100 trabalhadores chins, e os de diversas turmas empregadas no melhoramento e complemento dos estudos, além dos mantimentos para todos; achar-se-ha a verba justificada por si mesma.

Sem fallar na addição de 21:115\$172 adiantada ao governo para despesas da colonia militar, passarei a addição de 20:617\$361 rs., despendida nos 15 mezes da conta com o pessoal de empregados da companhia. Nesta verba, se contavão os seguintes vencimentos annuaes:

Agente, Augusto Benedicto Ottoni.	2:400\$000
Engenheiro, R. Schlobach.	3:000\$000
Dito M. Hor.	1:800\$000
Dito J. Burrow.	1:600\$000
Dito Ch. Bernard.	1:800\$000
Administrador das tropas José Ferreira dos Reis.	1:200\$000
Medico de partido Dr. Manoel Esteves Ottoni.	500\$000

Além de caixeiros, feitores dos chins e dos outros trabalhadores, e como tropeiros caixeiros, etc., e com esta exposição creio que justificaria.

As demais addições por si se explicão, e foi depois de rectificada esta conta com os livros e documentos pelos Exms. Srs. accionistas, que haviam servido como membros das commissões de exame de contas; que eu dirigi a SS. EExs. o seguinte

Officio.

Illms. e Exms. Srs. — Tendo sido negada a existencia de livros nas agencias da companhia do Mucury, allegando-se que das respectivas despesas só vinhão rões sem documentos justificativos, e apenas com a garantia do nome dos agentes, exemplificando-se com a partida descripta no diario sob o n. 232 de 181:848\$361, da qual se diz que não appareceu no maço o competente rol, deplorando-se a falta, por que sem esse rol se diz que fôra difficil deslindar-se a duplicata, que parecia haver na quantia da primeira verba, dada pela somma de 10:188\$973, a qual duplicata não estava extornada: tendo-se allegado mais que na administração da companhia, não se fazião férias ou mappas de serviço, exemplificando-se com 100 escravos alugados a Joaquim José de Araujo Maia, meu cunhado; vou rogar a VV. EExs. que se sirvão de responder-me aos seguintes quesitos, permittindo que das respostas eu faça o uso que necessario fôr á minha defesa:

1.º Se neste escriptorio, lhes forão apresentados livros das agencias de Philadelphia e Santa Clara, e quaes.

2.º Se prescindindo do conceito pessoal com que eu tenho a certeza de que sou honrado por VV. EExs., parecem os livros offererir caracter de authenticidade, sufficiente para lhes inspirar cabal confiança.

3.º Se o resumo da conta tirada pelo guarda-livro Leite Basto e conferida por dous outros senhores no valor de 181:848\$361, representa a partida de igual quantia, consignada no Diario sob n. 232 debitando-se á Gastos-Geraes, e creditando-se ao agente Augusto Benedicto Ottoni.

4.º Se na partida n. 232, ha uma duplicata de 10:188\$973, por se haver já na escripturação central, debitado aquella somma, no balanço antecedente de 1856.

5.º Se a identidade dos algarismos, datas e formula do lançamento, exclue toda a idéa de má fé no lançamento de duplicata.

6.º Se existe ella na escripturação da agencia, ou se escapou sómente, ao fazer-se o lançamento na escripturação central.

7.º Se se fez o extorno dessa duplicata que escapa na escripturação central, bem como; de outras que constavão da escripturação da agencia.

8.º Se o extorno destas ultimas, foi feito na propria escripturação da agencia, e simplesmente transportado para a escripturação central.

9.º Se são satisfactorios, os documentos justificativos das differentes verbas da conta de 181:848\$361.

10. Se na agencia de Santa Clara, se fazião os mappas do serviço ou ferias, e especialmente dos escravos de Joaquim José de Araujo Maia, e se na discussão com este empreiteiro ácerca do aluguel de seus escravos, defendeu a direcção os interesses dos accionistas.

Rio, 11 de julho de 1862.—Illms. e Exms. Srs. barão de Mauá, Antonio Candido da Cruz Machado, Dr. Antonio Gabriel de Paula Fonseca, Dr. José Agostinho Vieira de Mattos, e João Pires da Silva.—(Assignado) Theophilo Benedicto Ottoni.

Obtive de SS. EExs. a seguinte

Resposta :

Illm. Exm. Sr.— Por acceder aos desejos manifestados por V. Ex., fomos ao seu escriptorio, e habilitados com os exames que ali procedemos, vamos responder aos quesitos da carta de V. Ex. datada de hontem, e fazemo-lo pela maneira seguinte :

Ao 1.º. Que, nos forão apresentados os seguintes livros relativos ás agencias de Philadelphia e Santa Clara :

Livros caixas (de Philadelphia).....	3
Dito dito (de Santa Clara).....	1
Dito de contas correntes geraes.....	1
Ditos ditos de colonos.....	3
Ditos de entradas e sahidas de generos....	2
Dito de foreiros.....	1
Dito de entrada e sahida de sal.....	1
Dito de gastos geraes.....	1
Dito de contas dos trabalhadores.....	1
Dito copiador.....	1

Sendo que, dous livros caixas, um de gastos geraes, um de entrada e sahida de generos, estão escripturados por letra do agente o Sr. Augusto Benedicto Ottoni, reconhecida no livro caixa de 1856 para 1857, por concrituados negociantes desta praça, e tambem por alguns dos ataxo assignados.

Ao 2.º. Que, posta de parte a respeitabilidade das pessoas cujo nome é fiador seguro da authenticidade dos livros, essa se demonstra pela especificação com que são escripturados, explicando-se em cada verba o credor ou devedor, natureza do serviço e a quantia paga, além da circumstancia de crermos firmemente que todas as verbas estão documentadas tão rigorosamente, como a conta de 181:848\$361, de 1856 para 1857, examinadas por nós.

Ao 3.º Que a conta acima mencionada de 181:848\$361, sem duvida representa a partida n. 232 escripturada no *Diario*, agrupadas em separado as parcelas de cada serviço para melhor se poder moralisar o dispendio. Para dar uma resposta affirmativa ácerca deste quesito, poderiamos referir-nos simplesmente a autoridade dos tres honrados guarda-livros que extractarão a conta dos livros e a conferirão. Accresce, porém, que a pedido de V. Ex. tambem examinamos e conferimos por nós mesmos diversas parcelas, e os documentos que lhe são relativos.

Ao 4.º, 5.º e 6.º Que ha na partida 232 uma verdadeira, e patente duplicata sendo a primeira addicção desta partida a repetição da ultima addicção da partida 176, que figurou no balanço antecedente, sendo que a identidade dos algarismos (10:488\$973) data, e formula tudo faz claro como o dia que foi um desses equívocos que apparecem nas melhores escripturações, e que não ha na escripturação da agencia o menor vestigio da duplicata nem lá se fez obra por ella.

Ao 7.º Que da duplicata de 10:488\$973, bem que, como de uma de 3:760\$, e outras menores accusadas na escripturação da agencia de Philadelphia se fez na conta subsequente o extorno geral que consta a fl. 166 do *Diario*, e a fl. 58 e 67 do *Razão*, onde está creditada a conta de gastos geraes e debitada a do agente o Sr. Augusto Benedicto Ottoni, pela quantia de 14:736\$107 rs. porque indevidamente fora creditado o agente. Fôra para desejar que se houvesse especificado detalhadamente este extorno, mas logo que outras duplicatas não apparecem, claro está que as extornadas são as de que se trata.

Ao 8.º Que os extornos das duplicatas existentes na escripturação da agencia estão lá feitos no livro-caixa, o qual é escripto com toda a correcção, sem entrelinha nem emenda, corrigindo-se por extornos de debito e credito, os enganos naturaes em tão complicada administração, e quando pesava sobre o agente de Philadelphia, não só a superintendencia, como a administração e a escripturação.

Ao 9.º Que os documentos justificativos da conta de 181:848\$361, são tão satisfactorios quanto fôra para desejar, sendo notavel a regularidade e fiscalisação que demonstrão haver presidido á agencia de Philadelphia. Fallando só das despesas mais em grosso, temos as duas categorias de serviços de estrada, a saber: os feitos por administração e os de empreitada. Quanto aos 1.ºs, estão justificados pelas notas diarias que o engenheiro ou preposto fornecia aos donos dos escravos, notas que erão no fim do mez postas em fórma, e assim legalisadas ião á presença do agente, que as pagava, existindo igualmente recibos dos donos dos escravos ou seus procuradores. São tão numerosos os mappas de serviços ou férias que nos forão apresentados, que não hesitamos em affirmar que os mais insignificantes serviços de administração das agencias erão todos assim regularisados. Quanto aos serviços de empreitada, estão elles justificados por numerosos recibos, contas correntes e contratos assignados pelos referidos empreiteiros. A conta de 181:848\$361 é instruida com 683 documentos que nada deixão a desejar, e provão que a administração do agente o Sr. Augusto Benedicto Ottoni; era uma administração modelo.

Ao 10.º Que em um dos artigos das minuciosas instrucções, constantes do copião n. 2 fls. 129, dadas ao Sr. Joaquim José de Araujo Maia, na qualidade de administrador de serviços na estrada de Santa Clara, vem imposta ao Sr. Maia, a obrigação de mandar mensalmente as férias dos trabalhadores legalisadas pelo Sr. Dr. Manoel Esteves Ottoni, superintendente de Santa Clara. Que effectivamente estão no escriptorio da companhia, e forão por nós todos vistas e examinadas as férias ou mappas mensaes de 1853 e 1854, em que o serviço de cada escravo é considerado dia por dia, estando todos os mappas legalisados pelo superintendente, sendo que em alguns mezes o numero dos escravos mencionados nominalmente se eleva a mais de 100.

Que constando dos mappas terem dado numerosas falhas os escravos do Sr. Maia, e estando ahi notado o fallecimento de alguns, vê-se do copião n. 2 fls. 214 reclamar o Sr. Maia que se lhe levasse em conta integralmente o serviço, dos escravos, abstracção feita das falhas attribuidas ao máo clima de Santa Clara, mas que V. Ex., na qualidade de director da companhia, não assentira á reclamação, concedendo somente por equidade, a tolerancia detres falhas por mez em cada escravo.

Que em seguida á esta discussão, rescindiu-se o contracto, achando-se emmassada com os mappas de serviços, a conta feita na occasião pelo

guarda-livros o Sr. Henrique Pereira Leite Basto, segundo a qual devia o Sr. Maia, repór á companhia a quantia de 11:426\$970, como effectivamente repóz e consta do diario, fls. 64, partida 140.

Concluindo, temos de declarar a V. Ex. que, os exames a que procedemos, nos erão completamente desnecessarios para persistirmos na apreciação que temos subscripto em diversos annos, como membros da commissão de contas, da extincta companhia de Mucury.

Desta resposta póde V. Ex. fazer o uso que julgar mais conveniente. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1862.

Ilm. e Exm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni.—(Assignado)—Barão de Mauá, Antonio Candido da Cruz Machado, Dr. A. Gabriel de Paula Fonseca, Dr. José Agostinho Vieira de Mattos, e João Pires da Silva.

Dirigi tambem ao Ilm. Sr. João Henrique Ulrich o seguinte:
Officio.

Tendo-me V. S. feito o favor de vir á este escriptorio e cotejar com os livros, e documentos da extincta Companhia do Mucury a correspondencia supra trocada entre mim, e diversos Srs. accionistas que como V. S. forão membros de commissões de contas da referida Companhia, vou a rogar-lhe que se sirva de escrever ao pé desta a sua valiosa opinião, permitindo-me como os outros Srs. fazer della o uso que fôr conveniente á minha defesa.

Escriptorio da extincta Companhia do Mucury, 17 de julho de 1862.—(Assignado) Theophilo Benedicto Ottoni.

Resposta.

Ilm. e Exm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni.—Accedendo ao convite que se dignou fazer-me, fui ao escriptorio da extincta Companhia do Mucury, examinar os livros, e documentos que já havião sido examinados pelos Exms. Srs. Barão de Mauá, Drs. Antonio Gabriel de Paula Fonseca, José Agostinho Vieira de Mattos, A. C. da Cruz Machado, e João Pires da Silva. Examinei e cotejei a escripturação e documentos, nos pontos controvertidos; e devo declarar que em nada divirjo das opiniões daquelles Srs. a semelhante

respeito. Acrescentarei que, um exame minucioso feito por quem conheça escripturação mercantil, de certo que ao encontrar as duplicatas, alludidas, encontraria os extornos feitos devida e opportunamente

Concluirei, tambem, dizendo a V. Ex. que não me era necessario este exame, para mais uma vez apreciar a moralidade com que V. Ex. dirigio os negocios da extincta Companhia do Mucury. Póde V. Ex. fazer o uso que julgar conveniente desta minha resposta.

Praia das Flechas, 19 de julho de 1862.— (Assignado) João Henrique Ulrich

Cotejemos os officios supra com as palavras do commissario elogiado pelo antecessor de V. Ex.

« Não se fazião orçamentos de obras, nem ferias individuaes de trabalhadores, nem contas parciaes de encarregados, *nem cousa emfim que moralizasse as despesas* no sentido de seu aproveitamento, além da « economia e oportunidade. Procedendo assim as agencias, que por si sós « despenderão dous terços do capital da empresa, é claro que se tornaria « vão qualquer esforço para uma fiscalisação severa sobre a gerencia da « companhia. »

Com os testemunhos respeitaveis e insuspeitos que acabo de produzir podia deixar ao remorso de quem as escreveu e elogiou estas insinuações calumniosas.

Temos hoje eu e meus agentes, em nossas fortificações revestimentos encouraçados. Contra elles embota-se a ponta do mais aguçado cuxillo, e quebrada do cabo, a lamina cahe no menturo como ferro velho.

No entanto cumpre que eu desfie esta proposição do relatorio :

« Não achei os livros das agencias anteriores. »

Onde procurou o commissario os livros que não achou? De quem os requisitou? Quem lhe disse que não havião taes livros e documentos? Pois é crível que um homem activo como o commissario, que escreveu 125 officios ao governo sobre a liquidação do Mucury, não reclamasse a intervenção ministerial, para lhe serem presentes os livros e documentos, se delles precisava para os seus exames?

Mais de dous mezes frequentou o commissario este escriptorio. Aqui escreveu e assignou o termo de liquidação da agencia de Philadelphia em que lá tinha concordado. Aqui concorreu diariamente com o guarda livros Leite Basto, convocado para dar-lhe informações sobre a escripturação, e nunca se lembrou ao menos, de perguntar pelos livros de Philadelphia.

Ha em toda esta historia um quiproquó que eu vou elucidar.

O commissario esteve nimamente atarefado no Mucury. Estava occupado com a expedição do Pessanha, com o alinhamento da estrada do Peruípe, e, sobretudo, com a negociata do jacarandá em que se envolveu, segundo já o confessou ao publico, para com os *pequenos fundos que tinha disponiveis*, auxiliando os outros negociantes de jacarandá, *debellar a familia Ottoni*.

Em tom sentido ainda hoje narra no relatorio que, tendo achado cortadas no Mucury 1,300 duzias de jacarandá, houve depois uma baixa tal, que o preço não pagava o cóрте.

Quando partiu do Rio de Janeiro, vendia-se jacarandá a 600\$ a duzia.

E portanto lá estava empatado um capital de 780:000\$ de réis.

Valia a pena levantar o sequestro de tanto jacarandá. O commissario, como confessou pela imprensa, tambem tem primos, irmãos e cunhados.

Tambem confessou pela imprensa que esteve occupado em conciliar interesses contrarios na questão do jacarandá, que não pôde fazer chegar a accóordo.

Empenhado nessas questões, nem perguntou por livros e documentos das agencias anteriores, e, segundo vejo agora do seu relatorio, pensou de si para si que não existião, aliás ficaria sabendo que, tendo-se demittido em 1859 o agente A. B. Ottoni, todos os livros e documentos da agencia que esteve á seu cargo, vierão para o escriptorio central, onde se achão.

Mas o silencio de Philadelphia continuou no Rio de Janeiro, e foi sómente depois de installado na secretaria onde funcção a repartição do Mucury, e no dia 28 de março, que o commissario, tendo levado consigo quatro livros da escripturação central, se lembrou de requisitar do encarregado do escriptorio os documentos de despesas de 1853 a 1859, que lhe foram.

Ora, já está dito como é que a escripturação das agencias, prendia-se escripturação central.

No fim de cada anno vinha copiado em cadernos, o livro-caixa das

agencias e o de gastos geraes, e a escripturação se fazia em vista desses cadernos, como referencia aos livros das agencias.

Os documentos estavam, pois, classificados em duas ordens, a saber: os que dizião respeito ás despesas feitas directamente na estação central, e os das agencias. Estes naturalmente fazião grupo á parte com os livros das mesmas agencias; e as contas destas ou 2^{as} vias do seu livro-caixa, que havião servido para completar-se cada anno a escripturação central, estavam agrupadas com esta classe de livros.

E tendo o commissario liquidado no Mucury a ultima agencia de Philadelphia, e nada mais tendo que ver a respeito, e muito menos acêrca das agencias anteriores, tendo consigo sómente os livros centraes, mesmo porque dos outros nem sequer tinha inquerido, forão-lhe enviados entre os documentos que estavam nos embulhos dos da escripturação central, as 2^{as} vias da caixa das agencias, que, com manifesta deslealdade, o relatorio chama simples rôes de despesa.

No entanto o commissario tinha vindo de Philadelphia, certo de que lá não existião livros nem documentos das antigas agencias.

Nessa persuasão era natural suppor que, com a organização excepional da companhia e com o que havia de intimo nas minhas relações com os agentes, não tivessem estes, nos primeiros tempos, dado a devida attenção ás provas materiaes da contabilidade.

E com effeito, as primeiras contas de serviços feitos, quando os agentes nem sempre tinham uma barraca onde se abrigassem, lutando com o mató mais bravio do que os selvagens, não era já tão pouco que fossem dadas em simples rol, sobretudo se continha este o objecto das despesas exposto minuciosamente.

Não tenho a menor duvida de que tanto eu como os accionistas com isso nos contentariamos, sobre tudo se os taes rôes fossem como esses que o commissario achou, e que são arguidos de *prolixos pela menção de pagamentos nimios (nimios?) que podião ser englobados*, e quando as verbas mais consideraveis se poderião facilmente explicar.

Taes rôes, ainda que fossem simples tiras de papel, erão tão minuciosos, e referião-se as verbas mais importantes, a serviços de tal notoriedade que, mesmo dado o caso de haverem desaparecido casual ou criminosamente os documentos justificativos, um inquerito severo poderia reproduzi-los integralmente.

Esses rôes dispensarião os livros, ainda que não fossem a 2^a via dos mais importantes.

O commissario estava persuadido que não havião esses livros nem outros documentos justificativos das despesas de Philadelphia, senão os rôes de despesa unidos á escripturação central.

E, oh! fatalidade, desaparecem os rôes!

Quando, e como, eu não me atrevo a dizer.

O commissario do governo requisitou os documentos.

O encarregado do escriptorio entregou-os enmassados, na confiança de que entregava todos.

Transportou-os na confiança de que os levava todos a pessoa que os foi receber.

Mas nos maços de documentos, diz o commissario, que não achou certos rôes. São justamente os mais importantes da agencia de Philadelphia, por exemplo, o das contas de 1856 para 1857, no valor 181:848\$361 rs., despendidos em commum por mim e pelo agente Augusto Benedicto Ottoni.

Ha uma regra de direito que encerra grandes lições.

« Procure-se o criminoso entre aquelles á quem o crime aproveita. »

Ora, se não existissem livros e documentos, como o commissario suppunha, o extravio dos rôes muito aproveitava para o desempenho de sua commissão, a quem estivesse encarregado de *debellar a familia Ottoni*.

Mas não desejo prevalecer-me de taes induções.

Quero antes imitar a magnanimidade do commissario. Quando fallou no desaparecimento dos rôes, sua benevolencia não admittiu que o facto proviesse de *fraude*, e chegou na ordem de suas idéas a descobrir um sentido innocente para a palavra *extravio*.

Parecia longe da idéa de qualquer imputação, quando a pag. 90 disse o seguinte :

« Em todo caso deve presumir-se que a falta desta contafoi devid^a a algum extravio, quando para qualquer esclarecimento fosse necessaria a tirar do maço respectivo.

Eu me contento de que o extravio fosse inoffensivo, e dou graças a Deus porque, na boa fé como eu estava, quem extraviou os rôes, pudera muito facilmente ter extraviado os livros e mesmo os documentos. E, em tal caso, plausiveis serião todas as recriminações.

Mas, graças a Deus ! por um facto providencial, desses que a philosophia humana não sabe definir, ahi estão sãos e salvos os livros e documentos que desenglobão e justificão todas essas despesas que o commissario do governo não pôde moralisar, e explicado fica tambem o *qui pro quó*

que deu motivo para a principal diatribe do relatório levado ao parlamento pelo Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, imputando-me haver despendido 545:037\$070 sem se saber em que.

Com a sanção do governo imperial citão-se calumniosamente factos desta ordem; acompanhão-os de reflexões hypocritamente benevolas, tendo tido antes o cuidado de preparar o espirito do leitor no sentido do odio de que se era instrumento.

No principio do relatório, depois da parodia com que se historiou a empreza, vierão estas significativas palavras, na evidente esperança de que o leitor fizesse dellas repetidas applicações.

« Esboçada a historia da companhia, haveria logar a graves commentarios se a natureza deste documento não os dispensasse. »

E' triste.

Já lancei por terra os castellos da mentira e da calumnia levantados sobre o desaparecimento da conta de 181:848\$361 do agente A. B. Ottoni, e sobre a falsa asseveração de que nas agencias anteriores ás de que o commissario tomou contas, não havião livros nem documentos justificativos das despesas.

E com os castellos, lá se foi a torrinha da duplicata de 10:488\$973, em cuja construcção mais se havia esmerado o architecto. Atirou-se pelos ares a concludente resposta fls. 45, mas desejo por bem transparente a *deslealdade das insinuações* tudo o que diz respeito á tal ponto.

A falta da conta de 181:848\$361, dissera o consciencioso relatório:

« Era mais sensível para poder-se verificar se se deu a duplicação de um pagamento que a escripturação parece deixar dar. »

Com simulada generosidade ennuuciava ainda hesitação e duvida sobre a existencia da duplicata, ao mesmo tempo que a tornava clara como o meio-dia, citando textualmente as partidas 176 e 232 do *Diario* em que no anno de 1856 para 1857 se « debita a gastos geraes e se credita a Augusto Benedicto Ottoni pela quantia de 10:488\$973 despendida com estradas, construcções e serviços de 1 a 22 de janeiro de 1856. » E declarando que: « se houve posteriormente extorno, não foi possível verifica-lo no *Diario*. »

Duplicata de deslealdade houve na insinuação contida nas phrases que acabo de citar.

Deslealdade, quando se deplora o desaparecimento da conta que

não se achou de 181:848\$361, inculcando que só essa conta podia deslindar a duplicata que deslindada estava e patente a todas as luzes.

Deslealdade, porque como hei de provar, o commissario viu o extorno que corrige essa duplicata. Diz elle que: « se houve extorno, não « foi possível verifica-lo no *diario*. »

Expliquemos como se deu, e como se corrigio pelo extorno a famosa duplicata.

A segunda via da caixa de Philadelphia com a conta daquella agencia que entrou no balanço do mez de maio de 1856, veio datada de 22 de janeiro desse mesmo anno, importando as despesas da agencia nos 22 dias do anno novo em 10:488\$973, pela qual quantia ficou o agente creditado nesse balanço.

A caixa da agencia encerrou-se no dia em que se extrahi a conta, e na mesma data passou a conta nova o saldo existente no valor de 611\$850.

O *diario* central considerou a conta na seguinte partida:

E' a partida 176.

« Gastos geraes, devem a Augusto Benedicto Ottoni, janeiro 31 de 1856. »
 « Importancia que despendeu com estradas (empreitadas e construcções),
 « e supprimentos a diversos empreiteiros, trabalhadores e colonia
 « militar, desde 25 de janeiro a 31 de julho de 1853, conforme a sua
 « conta corrente de 22 do corrente mez 49:310\$034
 « Idem idem desde 1º de agosto a 2 de setembro de 1855 42:632\$564
 « Idem idem 3 de setembro a 31 de dezembro dito 25:837\$421
 « Idem idem desde 2 até 22 do corrente mez 10:488\$973

128:268\$992

Para a conta da agencia que tinha de entrar no balanço de 1857, claro estava que 22 de janeiro de 1856 era o ponto de partida, mas talvez ao tirar-se esta conta para que ella dêsse uma idéa geral da despesa de todo o anno de 1856, tomou o copista por ponto de partida o 1º de janeiro, juntando á conta *em verba separada*, note-se bem, a despesa dos 10:488\$973 dos 22 dias já contemplados na conta anterior. Desse additamento ficou no livro uma nota explicativa que devia ter vindo na cópia que desapareceu, e diz essa nota que a 1ª conta (2ª via) foi tirada até o dia 22 de janeiro de 1856 isto é comprehendendo os 10:488\$973 rs., mas eu supponho que essa nota tenha escapado ao copista, porque toda a conta foi transportada para a escripturação central e balanço de maio de 1857, na seguinte partida n.º 232:

« Gastos geraes devem a Augusto Benedicto Ottoni, 31 de maio de 1857 :

« Importancia do que despendeu com estradas, construcções e serviços desde 2 a 21 de janeiro de 1856, conforme a sua conta de 30 do corrente mez. 10:488\$973

« Idem de 22 de janeiro a 2 de abril de 1856. 17:188\$352

« Idem de 4 de abril a 20 do mesmo. 3:998\$555

« Idem de 22 do dito a 2 de maio. 983\$968

« Idem de 2 de maio a 14 do dito 3:080\$912

« Idem de 16 do dito a 1º de junho. 16:229\$567

« Idem de 1 de agosto de 1856 até 23 de abril de 1857, conforme a sua citada conta de 30 do corrente mez 99:288\$555

« Idem de 24 de abril até 30 corrente 30:589\$479

181:848\$361

O que é certo é que de tal duplicata não ha o mais remoto vestigio nos livros da agencia, nem lá por ella se fez obra. Para moralisar tal duplicata, em relação a agencia de Philadelphia, esta circumstancia é tudo.

A duplicata dos 10:488\$973, filha dos motivos a que acabo de referir-me, nasceu na escripturação central, onde se annullou quando se fez o seguinte balanço.

Mas além dessa havia outra duplicata de 3:760\$400 que veio na mesma conta de 181:848\$361. Do livro da agencia consta que ali se dera immediatamente por essa duplicata, occorrida no fechar o caixa em maio de 1857.

E com effeito; a 1ª addição de debito da caixa no 1º de junho de 1857 depois do saldo que passou do anno antecedente, era o extorno de 3:760\$400, pela qual quantia no mez antecedente se havia o agente creditado em duplicata, e que portanto, tinha vindo em duplicata na conta anterior.

Diz assim no debito da caixa da agencia no 1º de junho de 1857 :

« Importancia da duplicata de fl. 3. 3:760\$400. »

A fl. 3 dizia assim a pagina do credito da mesma caixa :

« Maio, 1º.— Pago a Antonio José Coelho pelos serviços dos seus escravos na estrada do Poton 2:420\$; e pelos serviços empregados na mesma, 2º e 1º ajuste 3:760\$400. »

Mas esta partida, era uma duplicata de credito da caixa de Philadelphia, pois que compunha-se de duas addições pagas no mez de abril antecedente a Antonio José Coelho e a seu socio e cunhado Manoel José de Carvalho.

Assim teve-se de extornar em 1858 segundo o aviso dado, na propria conta de 1857 para 1858, a quantia de 3:760\$400. E como na escripturação havia mais a duplicata de 10:488\$973, fez o guarda-livros Antonio Victor de Assis Silveira o extorno desses 14:249\$373, ajuntando-lhe mais diversas pequenas differenças, todas constantes do livra-caixa de Philadelphia

A saber :

Pelos 2 extornos acima 14:249\$373

1836.—Janeiro 31.—Abatimento obtido em uma conta de mantimentos. 10\$000

» » 31.—Engano contra a companhia. 80\$000

» Fev. 3.—Quantia que se pagou em duplicata ao Dr. Esteves Ottoni pelo tratamento do escravo Honorio. 19\$000

Duplicata da conta de Joaquim Fernandes 175\$600

Idem idem Colonia Militar 113\$285

E outras diversas 88\$849

Vindo todas estas differenças a sommar a quantia de 14:736\$107 que se abateu na conta de gastos geraes, e porque se debitou á agencia de Philadelphia, ou o Sr. A. B. Ottoni no extorno mencionado.

Evidentemente o commissario leu esta partida de extorno, e não se quiz dar ao trabalho de decompô-la nas duas addições que a formão, para que pairasse a duvida sobre a honra de diversas pessoas da familia que se encarregou de *debellar*. Não quiz analysar a partida para deixar em pé a recriminação, e ficar-lhe plausivel a defesa de que, estando os 10:488\$973 englobados naquella somma dos 14:736\$107, não lhe fôra possível verificar o extorno no diario. O commissario diz que, não foi possível verificar no diario se houve extornos. Logo ao menos, percorreu as paginas do diario. Ora, o extorno de 14:736\$107 está logo poucas paginas adiante, e portanto o commissario o leu. Tendo-o lido, emquanto não verificasse que, tal extorno corrigia outras duplicatas, não lhe era licito, se fosse homem que se prezasse escrever as perdidas insinuações do seu relatório.

« Gastos geraes devem a Augusto Benedicto Ottoni, 31 de maio de 1857 :

« Importancia do que despendeu com estradas, construcões e serviços desde 2 a 21 de janeiro de 1856, conforme a sua conta de 30 do corrente mez.	10:488\$973
« Idem de 22 de janeiro a 2 de abril de 1856.	17:488\$352
« Idem de 4 de abril a 20 do mesmo.	3:998\$555
« Idem de 22 do dito a 2 de maio.	983\$968
« Idem de 2 de maio a 14 do dito	3:080\$912
« Idem de 16 do dito a 1º de junho.	16:229\$567
« Idem de 1 de agosto de 1856 até 23 de abril de 1857, conforme a sua citada conta de 30 do corrente mez	99:288\$555
« Idem de 24 de abril até 30 corrente	30:589\$479
	181:848\$561

O que é certo é que de tal duplicata não ha o mais remoto vestigio nos livros da agencia, nem lá por ella se fez obra. Para moralisar tal duplicata, em relação a agencia de Philadelphia, esta circumstancia é tudo.

A duplicata dos 10:488\$973, filha dos motivos a que acabo de referir-me, nasceu na escripturação central, onde se annullou quando se fez o seguinte balanço.

Mas além dessa havia outra duplicata de 3:760\$400 que veio na mesma conta de 181:848\$361. Do livro da agencia consta que ali se dera immediatamente por essa duplicata, occorrida no fechar o caixa em maio de 1857.

E com effeito; a 1ª addição de debito da caixa no 1º de junho de 1857 depois do saldo que passou do anno antecedente, era o extorno de 3:760\$400, pela qual quantia no mez antecedente se havia o agente creditado em duplicata, e que portanto, tinha vindo em duplicata na conta anterior.

Diz assim no debito da caixa da agencia no 1º de junho de 1857 :

« Importancia da duplicata de fl. 3. 3:760\$400. »
A fl. 3 dizia assim a pagina do credito da mesma caixa :

« Maio, 1º.— Pago a Antonio José Coelho pelos serviços dos seus escravos na estrada do Poton 2:420\$; e pelos serviços empregados na mesma, 2º e 1º ajuste 3:760\$400. »

Mas esta partida, era uma duplicata de credito da caixa de Philadelphia, pois que compunha-se de duas addições pagas no mez de abril antecedente a Antonio José Coelho e a seu socio e cunhado Manoel José de Carvalho.

Assim teve-se de extornar em 1858 segundo o aviso dado, na propria conta de 1857 para 1858, a quantia de 3:760\$400. E como na escripturação havia mais a duplicata de 10:488\$973, fez o guarda-livros Antonio Victor de Assis Silveira o extorno desses 14:249\$373, ajuntando-lhe mais diversas pequenas differenças, todas constantes do livra-caixa de Philadelphia

A saber :

Pelos 2 extornos acima	14:249\$373
1836.—Janeiro 31.—Abatimento obtido em uma conta de mantimentos.	10\$000
» » 31.—Engano contra a companhia.	80\$000
» Fev. 3.—Quantia que se pagou em duplicata ao Dr. Esteves Ottoni pelo tratamento do escravo Honorio.	19\$000
Duplicata da conta de Joaquim Fernandes	175\$600
Idem idem Colonia Militar	113\$285
E outras diversas	88\$849

Vindo todas estas differenças a sommar a quantia de 14:736\$107 que se abateu na conta de gastos geraes, e porque se debitou á agencia de Philadelphia, ou o Sr. A. B. Ottoni no extorno mencionado.

Evidentemente o commissario leu esta partida de extorno, e não se quiz dar ao trabalho de decompô-la nas duas addições que a formão, para que pairasse a duvida sobre a honra de diversas pessoas da familia que se encarregou de *debellar*. Não quiz analysar a partida para deixar em pé a recriminação, e ficar-lhe plausivel a defesa de que, estando os 10:488\$973 englobados naquella somma dos 14:736\$107, não lhe fôra possível verificar o extorno no diario. O commissario diz que, não foi possível verificar no diario se houve extornos. Logo ao menos, percorreu as paginas do diario. Ora, o extorno de 14:736\$107 está logo poucas paginas adiante, e portanto o commissario o leu. Tendo-o lido, emquanto não verificasse que, tal extorno corrigia outras duplicatas, não lhe era licito, se fosse homem que se prezasse escrever as perdidas insinuações do seu relatorio.

O conselheiro C. Ottoni e Joaquim Maia.

Para provar supostas irregularidades da estação central, diz o relatório o seguinte :

« A 15 de abril de 1853 (engano, a data 11 e 1858) foi adiantada ao conselheiro C. B. Ottoni e a Joaquim José de Araujo Maia, a quantia de 20:000\$ pelos serviços de dous annos de 56 escravos. »

« Outro adiantamento tambem de 20:000\$ se fez ás mesmas pessoas, declarando-se no recibo, que a totalidade dos 40:000\$ era pelo serviço de cem escravos. »

« O reembolso de taes quantias, parece que se fez pelo trabalho de escravos e empreitadas. Vi pelo diário que em fevereiro de 1853, havia sido Maia debitado por 11:426\$970, que ficará a dever dos 40:000\$ adiantados. »

Se suprimirmos, nos periodos citados, a palavra—empreitadas—está ahí exposta com verdade a transacção que houve. Os recibos conti-nhão o que fôra tratado, isto é, que a companhia alugava 100 escravos a razão de 200\$ por anno, ou 16\$666 por mez, pagando dous annos adiantados.

O reembolso de 11:426\$970 que reliizou a companhia, significa que, antes de findo o praso, os donos dos escravos, por virtude de condição estipulada préviamente, resolverão retira-los do serviço, restituindo á companhia a somma que não estivesse vencida em jornaes, o que assim praticarão, retirando o conselheiro C. Ottoni os escravos que estavam por sua conta. (a)

Era uma transacção simplissima realisada a nove annos, e ácerca da qual em caso algum, o governo nada tinha que discutir na qualidade de cessionario da companhia.

D'onde veio pois a notavel complacencia com que o commissario do Sr. Manoel Felizardo espraizou-se em considerações á respeito, e o afan com que examinou por todas as suas faces, e revolveu o aluguel dos 100

(a) Para esta deliberação do conselheiro C. Ottoni, tomada em janeiro de 1853, contribuiu poderosamente o seguinte facto :

No dia 12 de dezembro de 1844 sahimos deste porto para Mucury, eu e o conselheiro C. Ottoni. Fazião parte de nossa comitiva 27 escravos alugados tambem ao rico banqueiro desta praça Manoel Gomes Pereira.

No dia 14 de fevereiro voltamos a este porto, trazendo o conselheiro Ottoni os seus escravos e a noticia de que 5 dos alugados ao banqueiro haviam fallecido. Em menos de 2 mezes a mortalidade de 5 em 27 escravos era com effeito para assustar.

escravos que a companhia tomou por dous annos a razão de 16\$666 por mez, pagos adiantados os dous annos ?

Evidentemente tanta coleuma nasceu de fazer o zeloso commissario a importante descoberta, de que parte dos 100 escravos, pertencia ao conselheiro Christiano Ottoni. Era mais um Benedicto Ottoni envolvido com os do Mucury, e o commissario tinha a glória de os debellar a todos.

E era justo que o conselheiro Christiano Ottoni fosse tambem atado ao poste, visto que logo nos primeiros dias da sessão, fallando o conselheiro Sayão Lobato ácerca da imprensa ministerial, o conselheiro Ottoni protestou contra as torpezas dos escrevinhadores que se dizião encarregados de debellar a sua familia. Somos um por todos, e na feliz solidariedade em que vivemos, cada um se dá por satisfeito, se fôr equiparado áquelle dos outros que peor quizerem considerar.

Tenho pois triplicado motivo, para tirar bem a limpo o aluguel dos 100 escravos.

Começarei pedindo a V. Ex. que observe a que ponto desceu a torpeza das injurias que apparece nos exames do commissario, elogiado pelo Sr. conselheiro Manoel Felizardo.

Julgando-nos por si, suspeitou que não haviam taes 100 escravos alugados, foi revolver os jornaes de 1853, e allega triumphante que com Joaquim Maia sómente sahirão para o Mucury 35 escravos. Como se não pudessem ir depois, como se os escravos do conselheiro C. Ottoni e Maia, necessariamente devessem sahir todos, na mesma viagem do vapor, e só deste porto.

Mas, emfim, visto que autorisadas e elogiadas pelo antecessor de V. Ex., tão baixas induções forão recommendadas á leitura do corpo legislativo, cumpre dar as devidas explicações. Os 35 escravos que daqui partirão em companhia de seu senhor Joaquim Maia, forão tirados de uma fazenda que o mesmo Maia e o conselheiro Ottoni possuíam no municipio de Valença, e que vendêrão ao barão do Rio-Preto.

Mas o conselheiro C. Ottoni e Joaquim Maia, tinham tambem escravos seus e de sua sogra e mãe, em Itapemirim, onde abrião duas fazendas que, em razão de mudança para Mucury, forão ambas vendidas a F. de Salles Pinheiro.

Se o antecessor de V. Ex. ainda estivesse no ministerio, eu requisitaria que S. Ex. mandasse pelo seu digno commissario verificar em Itapemirim, se de lá sahirão por esse tempo os referidos escravos, com destino ao Mucury.

E haveria outro inquerito á fazer, e vem a ser, se em 10 de dezembro do mesmo anno de 1853, sahiu deste porto com o mesmo destino a escravatura de Firmino Dias Moreira, residente no termo de Niterohy, freguezia de S. Gonçalo, e mesmo confrontar a data do segundo recibo, com a sahida dos escravos que forão de Firmino.

Cuido que com estas verificações faceis todas de realizar-se, tranquilisar-se-hia a consciencia timorata do nobre antecessor de V. Ex. e a do seu digno commissario.

Acerca do *quantum* do aluguel aliás bem determinado no recibo, que servia de contracto, consta elle tambem de correspondencia registrada no copiadador, onde o commissario, se não fechasse os olhos, na qualidade de encarregado de *debellar a familia Ottoni*, podia igualmente ver as ordens relativas á ferial desses trabalhadores cada mez. Podia ver os multiplicados mappas com a lista nominal de todos os escravos, cuja existencia está attestada pelo importante documento que já mencionei.

Podia ver que Maia fazia o ponto conscienciosamente, dando conta de numerosas faltas. Podia ver pela correspondencia e especialmente pela carta de 8 de julho de 1854, que Maia julgava de justiça, tendo perdido alguns escravos em luta com o clima de Santa Clara, que a companhia lhe pagasse integralmente o jornal, apezar de quaesquer falhas. Poderia ver que tendo eu recusado terminantemente fazer esta concessão, preferiu Maia retirar-se de Santa Clara repondo o dinheiro que os escravos ainda não tinham vencido. Podia ter, se quizesse, no escriptorio de envolto com as ferias de serviços, a conta que, abatidas as falhas, fez aqui o guardalivros Leite Bastos, e que deu o saldo de 11:420\$970 recolhido ao cofre da companhia. Poderia ver da correspondencia que foi com esses 100 escravos, e mais 30 ou 40, outros que Maia abriu as sete leguas da estrada a partir de Santa Clara, trabalhando alguns mezes sob a direcção do major de engenheiros José Carlos de Carvalho, que declarou ser aquella estrada, a mais barata que se tinha feito no Brasil.

Tudo porém virão e reconhecerão os cavalheiros accionistas da extincta companhia, que nos fizerão a honra de vir a este escriptorio.

Tudo elles attestão em sua nobre imparcialidade que contrasta com os furores do relatorio e confunde os calumniadores e a calumnia.

Mas cego voluntario, o commissario nada quiz enxergar senão nomes e algarismos para em desempenho de sua commissão tortura-los. Nesta conta, a *imparcialidade* do arbitro resplandeceu em toda a sua luz, citou dous documentos em que se estipula que 100 escravos trabalharão

por espaço de dous annos pelo preço de 40:000\$, e diz com todo o desembaraço que « não ha contracto nem se sabe o aluguel que os escravos ganhavam. » Como de 40:000\$ divididos por 100 escravos não dão 400\$ á cada um, e como se 400\$ divididos por 24 mezes não dão 16\$366 por mez?

Joaquim Pereira da Silva.

A cata de algarismos, com que fizesse bulha, achou o commissario o adiantamento de 34:828\$737 feito ao empreiteiro Joaquim Pereira da Silva pela mesma época : aqui o principal cavallo de batalha, foi não se abrir ao empreiteiro conta corrente nos livros da escripturação central. Foi pena não descobrir tambem algum parentesco entre mim e Joaquim Pereira da Silva. Até porque o adiantamento á este foi relativamente maior que o de Maia. Os contractos de Joaquim Pereira da Silva erão com a agencia de Philadelphia, e, portanto, bastava que esta agencia tivesse aviso dos adiantamentos que pela caixa central recebia o empreiteiro.

Joaquim Pereira da Silva meu amigo, e honrado negociante da serra do Grão-Mogol, tinha boa escravatura, e achava-se em difficuldades para pagar o que devia á praça do Rio de Janeiro. Para honrar sua firma, sujeitou-se a trabalhar no Mucury desde 1852. O primeiro contracto que com elle fiz, foi a derrubada de 650,000 braças quadradas no terreno que devia em Philadelphia.

Contractei tambem, 5 leguas da estrada do Alto dos Bois, devendo fazer a jornal meia legua sob a inspecção do engenheiro Schlobach, para o custo da meia legua servir de base, (estes erão os meus orçamentos de obras no Mucury.) Fez effectivamente quanto tratou, e as contas podem-se ver annexas aos livros da agencia de Philadelphia. Os adiantamentos que fiz nesta praça, forão para pagamento de credores, por dividas vencidas a annos como diz o commissario. Os credores receberam sómente o principal, mas passarão recibo tambem dos juros que se elevavão a não poucos contos de réis.

Eu annunciei ao meu empreiteiro, por carta que o commissario podia ler no copiadador n. 1., que a elle se entenderia feito todo o favor dos credores. Assim se fez, e porisso a agudeza do commissario descobriu que Joaquim Pereira da Silva só foi debitado por 19:929\$237, quando os seus creditos resgatados pela companhia, subião a muito mais. Os diversos serviços feitos por Pereira, constão de contas annexas aos livros de Philadelphia.

Antonio dos Santos Neiva.

Depois de Joaquim Pereira da Silva, vem commemorado outro esti-

mavel amigo, Antonio dos Santos Neiva. Grande escarcéo faz o commissario, porque pela escripturação central se sabe que se fez a Neiva um adiantamento de 22:000\$ e não se lhe abriu conta corrente. O caso é identico: era um contracto para a factura de 4 leguas a 11:000\$ cada uma. O empreiteiro só fez duas muito á minha satisfação e tambem do commissario do governo, que no seu relatorio elogia a construcção. Começão essas duas, onde findou o serviço de Joaquim Maia. Os recibos ahi estão com os documentos de Philadelphia, e é notorio no Mucury que Neiva foi o empreiteiro. O que me admira é, que o commissario do governo não descobrisse que Neiva é meu contraparente, e que a companhia da sua firma social, era o coronel Honório Esteves Ottoni, meu primo-irmão. Que bella tirada se perdeu por não haver descoberto o Catão mais este nepotismo que ora denuncio, accrescentando que o empreiteiro incorreu em fortes multas por não fazer a empreitada toda, e não acabar em tempo as duas leguas, e que de todas as multas foi por mim absolvido. Nepotismo manifesto.

Ainda Joaquim Maia.

Continúa o libello:

« Em setembro de 1857 foi creditado Joaquim José de Araujo Maia, « pela quantia de 35:520\$361, e para documentar esta quantia, ha um « papel escripto com duas tintas, cheio de erros e de emendas e sem « assignatura. »

Não tenho diante dos olhos o papel assim descripto, mas diz-me minha memoria o seguinte:

Depois que em fevereiro de 1855 retirou os seus escravos que estavam alugados em Santa Clara, meu cunhado Joaquim José de Araujo Maia tomou a si os seguintes serviços:

8 leguas de caminho de tropa, o primeiro que houve do Ribeirão das Pedras ao Urucú.

2 leguas de estrada de empreitada no Ribeirão das Lages (Quartel).

500 braças dita ditas a jornal.

500 ditas dito dito de empreitada na Saudade.

17 pontes todas de madeira de lei, estivadas de pranchões de 3 1/2 pollegadas de grossura, nas Lages e no Urucú.

Além de mantimentos que forneceu de sua fazenda.

Tinha recebido por conta durante os tres annos de trabalho em Philadelphia e no Rio de Janeiro, como consta da sua conta corrente no livro Razão Central fl. 27, a quantia de 32:847\$143.

Vindo a côrte em 1857, ajustou contas, e recebeu por saldo 2:673\$136 tendo sido acreditado no Diario por 35:520\$301, que era a importancia de sua conta.

Estou bem certo que o empreiteiro levou-me a conta em borrão, e que feitas de commun accordo diversas alterações, passou-se a limpo e elle assignou com o recibo do saldo. Tudo devia estar no respectivo maço de documentos. O commissario declara só ter achado o borrão, mas eu estou prompto á mandar vir de Philadelphia 2ª via da conta e do recibo, se acaso não apparecerem os originaes, que bem podem andar por ahi de companhia com os *rôes de despeza* da agencia de Philadelphia.

Posso fazer mais ainda, e é desde já morali sar a conta dos 35:520\$301.

Dos serviços que correspondem a essa despeza, abundão documentos escriptos e provas vivas. E ainda que o commissario não tivesse nem mesmo o borrão, podíamos reconstruir satisfactoriamente a conta das duas tintas cheia de erros e emendas, e sem assignatura.

Quanto á primeira addicção, isto é o caminho de tropas do Ribeirão ao Urucú, lá está no meu relatorio de 1855 a paginas 17, a communicacão feita ao presidente de Minas de haver contractado com J. Maia essa empreitada.

No relatorio de 1856 a participacão de que, o empreiteiro havia concluido o trabalho, além da notoriedade publica.

As duas leguas de estrada no Ribeirão das Lages e que custarão 20:000\$, documentão-se e ainda mais brillantemente. Mal sabia o commissario que neste ponto elle mesmo é testemunha e perito. Vejamos.

No meu relatorio de 1856, publicado nos jornaes da côrte, escrevia eu á pag. 4 dando conta do andamento dos serviços, estar abaixo do Quartel (Ribeirão das Lages).

« Joaquim José de Araujo Maia com 80 pessoas trabalhando em uma empreitada de duas leguas. »

São duas leguas da melhor estrada que se fez no Mucury, e que ganharão ao empresario, segundo a opinião dos proprios concurrentes, a primasia na perfeição dos trabalhos.

O commissario do governo, talvez, ignorando que se tratava de uma construcção feita por pessoa tão conjuncta á familia que ia debellar, fez-lhe o maior elogio. Veja-se o seu relatorio á pag. 17.

« A 3ª secção (estrada de Santa Clara á Philadelphia) que se pro- longa do Quartel ao Ribeirão da Arêa, conta 3 leguas e 3/4.

« Na primeira parte della, que acompanha o Ribeirão do Quartel, « foi necessario sustentar os aterros com muralhas como as da 1ª secção.

« Passando áquem da colonia militar, a estrada penetra no valle de Urucú e ahi repetem-se os aterros, bem que muito menos altos do que na 1ª secção. Como lá, os declives são de 2 e 3 por 100.

« A'quem do Urucú a estrada conserva suas melhores condições, mas quando se aproxima do Ribeirão da Arêa, observão-se defeitos graves no traçado.

« Dez pontes conta essa secção da estrada, fóra os vestígios de algúma que foi destruída.... A maioria dessas construcções é ainda inferior ás que forão anteriormente descriptas. »

« Assim a 3ª secção da estrada, mostrando na sua primeira parte esmero igual ao de que se usou nas secções anteriores, no resto perde essa condição....

A notoriedade publica, de accordo com a informação do meu relatório de 1856, aponta como construcção e empreitada de Araujo Maia, duas das tres primeiras leguas de que o commissario elogia o esmero e bem acabado na 3ª secção.

Outra addição da conta das duas tintas, deve referir-se ás pontes existentes na mesma 3ª secção.

O periodo do relatório acima copiado, diz que essa secção, que vai do Morro do Capão ao Ribeirão d'Arêa, conta 10 pontes, fóra os vestígios de alguma que foi destruída.

Dez são, com effeito, as pontes da 3ª secção, contemplando sómente as collocadas no Urucú e no seu principal conflúente o Ribeirão das Lages. Sete dessas pontes, diz a notoriedade publica de accordo com o borrão da conta não achada, que forão construídas por Araujo Maia, e destas nenhuma cahiu. Cahirão duas das tres construídas por outros emprezarios, enquanto as de construcção de Araujo Maia, resistem ao trânsito dos carros ha mais de cinco annos; protestando assim eloquentemente contra a censura que lhes fez o relatório.

Essas sete pontes, que têm de 25 a 60 palmos de comprimento, apoiaão-se sobre dormentes, vigas e esteios de madeira de lei, e são estivadas de pranchões de 22 palmos de comprimento e tres pollegadas de espessura. Custarão á razão de 10\$ por palmo corrente. Mas a 3ª secção, tem mais 10 outras pontes menores com a mesma construcção, e todas, sem excepção, diz a notoriedade publica e o papel das duas tintas, que forão construídas por Maia, por administração com seus escravos e por especial favor a mim, e custarão á companhia a menos de 5\$ por palmo corrente de ponte.

A feria destes serviços ahi existe com os documentos de Philadelphia.

De 19 destas pontes, dá noticia o meu relatório de 1857, informando que o comprimento total dellas era de 784 palmos.

O commissario diz que as pontes são de inferior construcção.

Em resposta á esta tirada citarei, as palavras do relatório do Dr. Sebastião Machado Nunes, commissario do governo que visitou o Mucury em 1859, e que assim se exprime: (Vide relatório de 1860, pag. 60).

« Depois daquelle ponto (S. Domingos) começão a apparecer na estrada trabalhos de maior importancia em cavas, aterros e pontes, contando-se grande numero destas de 20 a 60 palmos, e ás vezes de mais até a entrada de Philadelphia, além de tres grandes pontes de mais de cem palmos. Estes trabalhos em geral, são executados com intelligencia, sendo as pontes e pontelhões geralmente de madeira de lei e bem construídas. »

As duas secções de 500 braças de estrada, são também notaveis; tendo a da Saudade, uma continuada e alta cava pela encosta da montanha, e a das Lages, depois da ultima ponte das Lages, contendo além de cavas, dous aterros altos e extensos.

Ora eis ahi, se não me engano, concludentemente justificadas as principaes addições da conta de duas tintas, que tanto assustou a consciencia timorata do commissario elogiado pelo Sr. conselheiro Manoel Felizardo, e que blasonou na imprensa de ter tomado a missão de debellar a familia Ottoni.

Ficou demonstrado que o desaparecimento da conta e recibo, está no caso do muito problematico desaparecimento dos rões de despeza, aliás 2ª via da caixa das agencias, e que as 2ªs vias de conta e recibo se podem refazer com a maior presteza e segurança.

E cumpre ponderar, que não póde excitar o menor reparo em ter Joaquim Maia de receber da companhia 35:520\$301, correspondentes a serviços de 3 annos anteriores 1855, 1856 e 1857.

A pag. 58 do seu relatório, o celebre commissario dá o seu juizo sobre este meu colono, nos seguintes termos:

« O cidadão Araujo Maia, que é um dos mais laboriosos habitantes do Mucury, tendo mais de 100 escravos na sua fazenda do Monte-Christo, fabrica com perfeição assucar e aguardente. »

Admira-se o commissario do governo, de que a companhia estivesse

« devendo á esta praça 37:000\$, quando se encampou, e dessa divida não « tivesse conhecimento a contabilidade. »

A ignorancia do escriptorio, não era neste caso tamanha como o commissario suppoz. S. S. é que nada podia saber de escriptorio, porque de nada se quiz informar.

As dividas desta praça erão em maxima parte por fornecimento de carvão de que se assignava conta a quatro mezes, ou de mantimentos e ferramentas remetidas para o Mucury. O carvão e mais fornecimento do vapor, se pagava á vista de pedidos por escripto do respectivo commandante; dos mantimentos e ferramenta, havia nota no livro de pedidos, e de remessa de generos para o Mucury, que servia ao mesmo tempo de livro de entrada e sahida e dava a contra prova das compras. Este livro estava á vista no escriptorio, mas não desafiou a curiosidade do severo examinador. Tambem não valia a penna porque, se S. S. tivesse visto o livro, perdia a bella tirada que escreveu sobre a *falta de deducção e chronologia dos lançamentos*, deplorando que as notas fossem conservadas de memoria ou em folhas volantes.

Não é exacto que as contas correntes com os empregados da companhia, fossem apuradas com demora. Ahi estão os livros para provar que os agentes, á excepção do allemão Otto Voigt, em Santa Clara, que aliás deixou regularizada sua escripturação, remettião annualmente, ao mais tardar, as suas contas; as de S. José vinhão todos os mezes. Mas certos empregados e empreiteiros, recebião adiantamentos no escriptorio central que os notificava as agencias, para os considerarem nos respectivos ajustes. O engenheiro Schlobach, por exemplo, tendo conta em aberto no escriptorio central onde estava debitado por 9:673\$310, mas sem se lhe debita rem os seus vencimentos, como se declarou no inventario, estava de conta justa na agencia de Philadelphia, por onde era pago. Assim, era nominal e só na escripturação central, o atrazo desta conta. Para Horn Gazzinelli e dous outros mencionados no inventario, havião motivos especiaes que justificavão o retardamento das contas.

Diz o relatorio:

« Ha em primeiro logar bastantes despesas feitas no escriptorio da companhia que não estão documentadas. A somma dellas é a seguinte:

« 1851	11:177\$440
« 1852	4:428\$968
	15:606\$408

	Transporte....	15:606\$408
« 1853		1:740\$100
« 1854		878\$000
« 1855		2:598\$000
« 1856		2:584\$000
« 1857		869\$133
« 1858		3:582\$510
« 1859		3:647\$785
« 1860		7:718\$421
		39:211\$337

Como em continuação o proprio relatorio confessa ácerca das quantias especificadas acima, que « são ellas formadas em sua mór parte por « despesas pequenas que dispensavão documentos » considerarei sómente as addições que causarão reparo especial ao commissario.

A primeira despesa da companhia foi 10:000\$ que o art. 22 dos estatutos destinou para satisfação das despesas que os empregarios tinhão feito anteriormente.

E' sabido que desde 1847 até 1851, fiz explorações dispendiosas no Mucury. Em 1847 fretei á minha custa um vapor e fui pessoalmente installar nos trabalhos de exploração do Rio, o major de engenheiros João Rodrigues Silva, que só no anno seguinte voltou da sua commissão, tendo tirado uma ligeira planta de reconhecimento do rio Mucury, até ás suas cabeceiras do lado do norte, fazendo tambem estudos para a estrada que devia ligar o valle do Mucury á cidade de Minas-Novas. Os trabalhos deste engenheiro na fórma do contracto, forão enviados á presidencia de Minas.

Os estatutos são claros a este respeito, e como o escrupuloso fiscal apenas « presume que houve alguma irregularidade, quando não na idéa, na fórma desse pagamento » e de mais foi elle approvado pelos accionistas, unicos juizes na materia; posso passar adiante.

« A quantia de 2:250\$ foi entregue ao Dr. Manoel Esteves Ottoni, e o documento não se achou. »

O Dr. Manoel Esteves Ottoni, que havia abandonado sua casa para penetrar na mata como um dos capitães e como medico da gloriosa bandeira, recebeu por pedido meu e por unica gratificação, 25 acções da companhia com tres entradas feitas, e eis ahi a explicação dos 2:250\$ que o

commissario do governo quiz tambem glosar. Teria de glosar quantia identica semelhantemente recebida pelo agente A. Benedicto Ottoni e que ha de estar comprehendida em alguma das outras verbas mencionadas.

Resta contemplar os 2:178\$968, o que não é facil como as quantias das verbas seguintes, porque me são atiradas englobadamente. Especificadas, eu estaria habilitado para explicar e documentar todas as quantias, que não fossem pequenos gastos de escriptorio ou semelhantes.

Dividendo extraordinario.

No anno de 1853 para 1854, havendo o governo contractado com José Rodrigues Ferreira, a navegação a vapor entre este porto e o de Caravellas; e sendo por isso temporariamente dispensavel na linha do Mucury o vapor da Companhia, foi elle fretado á Companhia Brasileira dos Paquetes.

O fretamento durou alguns mezes e produziu para a Companhia do Mucury um lucro liquido de 38:502\$851, de que fiz dividendo aos accionistas.

Este facto superexcitou os escrúpulos de consciencia do commissario do governo.

O vapor tivera prejuizos anteriormente, diz o relatorio, e por isso os lucros devião ser levados á conta desses prejuizos. Vejamos se assim é.

Emquanto não houve navegação a vapor para Caravellas por conta do governo, o vapor *Mucury* transportava trabalhadores, ferramenta e viveres para o theatro das operações da Companhia. Porque não dava rendimento immediato, seguir-se-ha que estivesse dando prejuizo? De modo algum. Estava collocando os capitaes da empreza. O vapor fazia estrada.

Mas quando foi possivel destaca-lo do serviço immediato da empresa, e freta-lo á companhia Brasileira dos Paquetes, o caso era diverso. Então o lucro obtido, estava fóra de toda a controversia.

Podia capitalisar-se como se capitalisou posteriormente renda da companhia.

No momento tal capitalisação redundava manifestamente em prejuizo dos accionistas que o erão a tres annos, em favor de um novo accionista de 1,000 acções que ia ser admittido, e que já não recebia pequeno favor, entrando simplesmente com as chamadas feitas, quando as acções tinham um agio de 50\$, e quando os antigos accionistas havião corrido os riscos do primeiro estabelecimento, e soffrido já um empate de tres annos.

Nada, pois, de mais rigorosa justiça do que fazer dividendo pelos accionistas antigos dos lucros assim verificados.

O novo accionista de tudo sciente, nada teve que objectar.

Justificado o dividendo, creio ser consequencia que elle se regulasse pelas regras dos estatutos. Estes garantião ao empresario a terça parte do que nos dividendos (sem excepção), excedesse a 6 por cento do capital realisado. E o commissario que é tão forte em escripturação, pudera ter verificado que 7:887\$449 formão exactamente a terça parte do excesso que sobre os 6 por cento do capital realisado, dava o lucro liquido.

Declarando menos regular este aquinhoamento, o commissario conclue:

Como porém deve ter sido aceita pelos accionistas a interpretação que se deu aos estatutos, só me resta dizer que foi de 7:827\$449 a quantia recebida pelo empresario.

Escrever uma pagina para tirar esta consequencia, fóra bacharelhar státoas. Em tal pecha não incorre jámais o erudito commissario. O facto referido sem as circumstancias que o determinarão, poderia dar que pensar ao leitor perante quem eu devia ser debellado. Eis a moralidade que tiro das observações a respeito.

Conclusão.

Tenho consciencia de que acerca das imputações e censuras, que com applauso e beneplacito do antecessor de V. Ex. me forão dirigidas quanto ao manejo dos dinheiros da extincta companhia do Mucury, a mim e á meus irmãos o Dr. Ernesto Benedicto Ottoni e Augusto Benedicto Ottoni, dei explicações tão completas e satisfatorias, quanto o podião desejar os meus melhores amigos.

Assumi com prazer e sem a menor reserva, a responsabilidade solidaria de todos e de cada um dos actos da agencia de Philadelphia. Esta solidariedade, não se limita aos assumptos discutidos. É absoluta e geral. E para que os nossos adversarios fallem mais desassombrados, por mim e por aquelles meus dignos agentes, garanto que os calumniadores de qualquer cathogoria que sejam, não terão de responder pelas calumnias que proferirem senão perante o tribunal da opinião publica.

Ahi pleitearemos a nossa causa como a estamos pleiteando perante V. Ex. e perante o governo imperial.

Nesse intuito V. Ex. não extranhará que eu submeta ao publico pela imprensa esta contrariedade que articulamos, pois que não poderia coadunar-se com a reconhecida rectidão de V. Ex., tolher-nos de qual-quer modo o direito de natural defesa.

Quanto a V. Ex. só temo que atarefado como está não me leia.

Quanto ao publico, não descreio do meu paiz para temer o juizo dos meus concidadãos.

Ao contrario, por mim e pelos demais injuriados no relatorio Mucury, appello cheio de confiança para os homens honestos de todas as parcialidades, certo de que os meus detractores por mais qualificados que sejam, hão de chamar sobre si o merecido desprezo.

E termino, pedindo simplesmente a V. Ex. que se sirva de mandar archivar ao lado da accusação feita á gerencia da companhia do Mucury, a defesa que acabo de produzir.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Rio de Janeiro, 9 de julho de 1862. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, muito digno ministro e secretario de Estado dos Negocios da Agricultura Commercio e Obras Publicas.

Theophilo Benedicto Ottoni.

P. S.

Acabo de receber a seguinte carta do meu amigo o Sr. Henrique Pereira Leite Basto, e a offereço tambem á consideração dos leitores.

Illm. e Exm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni. — Na occasião em que V. Ex. me convidou para extrahir, do livro-caixa da agencia de Philadelphia, uma segunda conta correspondente ao tempo decorrido de 1 de janeiro de 1856 a 31 de maio de 1857, por se ter extraviado a que, em tempo competente, remetteu ao Sr. Augusto Benedicto Ottoni: conta esta que eu deixei no masso das que forão apresentadas á commissão nomeada pelos accionistas da companhia do Mucury, na reunião annual de 1857: foi que tive conhecimento do que, a respeito da contabilidade e escripturação da mesma companhia, disse o Sr. José Candido Gomes no seu relatorio ao Ministerio de Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Como fosse eu quem fez a escripturação central da companhia, desde que esta se installou até setembro ou outubro de 1857, em que me succedeu o Sr. Antonio Victor de Assis Silveira, como nenhuma inspiração recebi de quem quer que fosse, ácerca do plano e desenvolvimento dessa escripturação enquanto exerci o cargo de guarda-livros da companhia do Mucury: como tive carta branca para a respeito della praticar o mesmo que costume praticar nos trabalhos de tal natureza, que me tem sido incumbido: iste é, fazer aquillo que entendo mais regular, e adaptado aos fins a que são destinados esses trabalhos, por isso, julguei dever dar algumas explicações a V. Ex., e com ellas responder ás censuras que o Sr. José Candido Gomes faz á escripturação da companhia do Mucury, desde pags. 86 á pags. 96 do seu relatorio: censuras, ou accusações, que revertem antes sobre mim que sobre V. Ex.

Accusação da falta de sello dos livros.

Os livros não forão sellados por eu entender que a disposição do art. 13 do codigo commercial sómente se referia ao negociantes, e não ás companhias e sociedades anonymas de que trata o mesmo codigo no cap. 2º; em o qual nenhuma disposição ha a tal respeito, nem referencia ao art. 13.

Ainda hoje estou persuadido de que o legislador não teve em mente comprehender naquella disposição as companhias e sociedades anonymas, porque, tendo ellas quasi que uma publica fiscalisação, parecem dispensar aquella medida de segurança para os respectivos credores, e quando tal medida se tivesse de adoptar para ellas, então mais deverião ser os livros, além do Diario e do Copiador, sobre os quaes ella se deveria tomar, como sejam, por exemplo, nos bancos os de transferencias, caixa, actas, registos de lettras e de emissão, etc., etc. Ainda me persuado que se em seguida ao art. 13 se estipulasse um premio para os negociantes que tivessem os seus livros sellados e rubricados, delle havião de ser excluidos as companhias e sociedades anonymas por essa falta de referencia a ellas.

Passarei agora a tratar dos defeitos:

1.º « A caixa por base das operações. »

Resumindo-se todas as operações do escriptorio central, durante a abertura das estradas á entrada e sahida de dinheiro, não sei como se possa sustentar que não devesse ser o livro-caixa a base da escripturação?

2.º « Generos vendidos não sendo dinheiro á vista. »

O Sr. José Candido Gomes não apontou, ou especificou, quaes os generos que se vendião no Rio de Janeiro a prazo. De nenhuns tenho

notícia, nem mesmo vendidos a dinheiro á vista. Talvez se refira ao jacarandá, mas esse era consignado ao agente Thomaz de Aquino, como se o fosse a um particular, e quando elle entregava a conta respectiva com o liquido producto, dava-se entrada na caixa e creditava-se a quem competia.

3.º « Não existião contas correntes propriamente ditas, senão as do « livro Razão, etc., e quanto ás casas de commercio, empreiteiros, fornecedores, etc., etc, nada se podia conhecer da escripturação central. »

Os adiantamentos aos empreiteiros, que não tinham conta corrente na escripturação central, erão debitados ás agencias, nas quaes se lhes abria conta pelo que cá e lá recebiam até terminar a empreitada.

A respeito dos colonos procedia-se do mesmo modo, debitando-se ás agencias, onde elles tinham conta especial, por quaesquer encomendas que acontecia elles fazerem.

Quanto aos fornecedores: archivavão-se as notas que davão do que se lhes comprava, e por ellas se conferia a conta, quando a apresentavão e se lhes pagava; portanto ocioso era abrir-lhes conta corrente, levando-se, na occasião do pagamento, os fornecimentos a debito da conta de gastos geraes, ou da dos agentes se os fornecimentos erãopara elles, para empreiteiros ou para colonos.

4.º « Falta da conta de lucros e perdas. »

Nenhuma necessidade havia desta conta; por não se haver ainda realisado transacção alguma que della dependesse. Havia a conta de Rendimentos, á qual era levada qualquer renda extraordinaria que estava fóra do plano geral dos trabalhos; como fosse o fretamento do vapor á companhia de paquetes, o juro do dinheiro depositado no banco, etc., etc.; conta esta que sómente deveria ser fechada por lucros e perdas, quando a companhia funcionasse definitivamente.

A differença de preço que havia na venda de alguns artigos que se haviam destinado aos trabalhos da companhia e sustento de seus trabalhadores ou empregados, pois que lucro não se lhe podia chamar; visto que, havendo o compromisso de se vender, por exemplo aos colonos, os generos pelos custos do Rio de Janeiro, nunca se carregava na nota, que se enviava dos custos delles, os carretos, fretes e conduções; a differença, pois, (quando a havia) do preço de compra para o da venda, a pessoas com quem não havia aquelle compromisso, era apenas um pequeno augmento para fazer face aos respectivos gastos, e por consequencia devia necessariamente reverter a gastos geraes o que a elles havia sido carregado.

Com os animais muars ou outros que se vendião dava-se o mesmo; haviam sido comprados para os trabalhos da abertura da estrada, e debitados a gastos geraes, revertia portanto a gastos geraes o producto da venda, fazendo o lucro (se o havia) face á diminuição do valor dos que se inutilisavão no serviço.

O deficit que o vapor annualmente deixava e se levava á conta de gastos geraes, era o quanto custava á companhia o transporte de trabalhadores, mantimentos, materiaes e ferramenta necessaria aos trabalhos da companhia.

O vapor foi determinadamente comprado para fazer esses transportes com a regularidade que não se podia obter das embarcações de vella; chegando algumas vezes a não transportar senão alguns mantimentos; servindo o que se percebia de alguns passageiros e de fretes de cargas particulares, apenas para modificar o custo do transporte desses elementos indispensaveis aos fins da companhia. Vapores, lanchas, canoas, armazens, ranchos, enchadas, foices, animais, etc, tudo erão objectos empregados na abertura da estrada de Santa Clara para Minas-Novas, e na obstrucção do rio Mucury.

Se as differenças de preços e as perdas que aponta o Sr. José Candido Gomes no seu relatorio, devessem ser levadas a lucros e perdas, do mesmo modo o devia ser o sacco de feijão ou de farinha que cahisse ao rio, a fouce, o machado, a enchada, etc., que se quebrasse, perdesse ou deteriorasse, o que seria absurdo; visto que, tudo era applicado, empregado, ou despendido com a abertura da estrada e construcção de suas dependencias e accessorios.

Mais tarde, quando a estrada estivesse concluida e funcionando regularmente, é que cabia estimar-se o valor dos armazens, carros, bestas, lanchas, etc., para se separar e abrir contas a tudo quanto estivesse sujeito a lucro ou prejuizo.

O Sr. José Candido Gomes, queria que a companhia tivesse uma escripturação monumental, que cada escriptorio, tanto o central como os das agencias, fossem modelados por essas secretarias, ou repartições publicas; em algumas das quaes o respectivo pessoal absorve a maxima parte das suas rendas ou dotações. Para isso teria a companhia de despendar a quarta parte do seu capital, quando o fez com vigesima parte ou menos; servindo-lhe o excedente para fazer algumas leguas de estrada, fim principal para que se organisou.

Eucontrou uma escripturação mui simplificada, é verdade, e da qual desde pags. 86 á pags. 96 do seu relatório, nada diz de lisongeiro, mas que assim mesmo lhe servio para bem avaliar o estado real da companhia, e extrahir todos os dados que quiz para censurar o seu Director, confessando porém, no final de pags. 96, que ella continha dados principaes; que a empresa não se desviou do seu plano geral de trabalhos; que não distrahiu forças delle, que houve mesmo constantes esforços, etc. ?! Emfim sempre serviu para alguma cousa.

O Sr. José Candido Gomes devia accrescentar o seguinte : « No escriptorio central havia apenas dous empregados (o que fazia a escripturação e o que se empregava no mais expediente), ambos com vencimentos diminutos. Nas agencias seguia-se a mesma cousa; na de S. José de Porto-Alegre; e por muito tempo na de Santa Clara, os agentes não tiveram auxiliares; elles fazião a respectiva escripturação e cuidavão de todos os trabalhos e expediente a cargo dessas agencias, e em nenhuma dellas elles erão mais bem retribuidos que os do escriptorio central.

Não havia escripturações aparatosas, mas havia a indispensavel e toda a necessaria fiscalisação. Se o tivesse dito não faltaria á verdade, e os interessados e o publico julgarião qual se deveria preferir, se o aparato ou a economia ?.

Destas explicações póde V. Ex. fazer o uso que lhe aprouver, e estimarei que ellas ainda cheguem a tempo de servirem de alguma cousa, para a resposta que V. Ex. vai dar ás censuras que se lhe fazem no sobre-dito relatório.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1862. — (Assignado). — HENRIQUE PEREIRA LEITE BASTO.

RECONVENÇÃO.

Ao offerecer á consideração do respeitavel publico o officio que dirigi ao Sr. conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu provando a falsidade das imputações que me forão dirigidas no relatório do commissario do governo, elogiado e applaudido pelo Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello, não me póde ser extranhado que complete a minha defesa caracterisando o meu perseguidor.

Bem sei que bastava repetir-lhe o nome :

Manoel Felizardo de Souza e Mello.

O homem que despachou-se a si proprio general sem ter jurado bandeiras nem pertencer ao exercito por qualquer titulo.

O homem que ha mais de vinte annos ri cynicamente em resposta ás mais graves accusações que pesão sobre sua cabeça, e que se repetem em todas as administrações, nas quaes o paiz tem tido a desgraça de ver a S. Ex.

Ahi está a — Memoria Historica — que sobre a revolução dos Balaíos publicou na *Revista do Instituto*, tomo 3º, o nosso actual ministro residente na Austria, Domingos José Gonçalves de Magalhães, de fl. 300 a 312.

Depois de qualificar como incapaz o presidente da provincia, o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, declarando que o ministerio assim o havia classificado em razão de seu procedimento :

Depois de estigmatisar o Sr. Manoel Felizardo que, « sempre pusillanime », diz o historiador da guerra dos Balaíos, *soffria os amargores de « invectivas de fraqueza que lhe dirigia (em officios) o commandante « militar : »*

Depois de publicar um officio do visconde da Parahyba, presidente do Piahy, ao novo presidente Luiz Alves de Lima, que assim se exprime sobre o Sr. Manoel Felizardo : « A politica seguida pelo antecessor « de V. Ex. (o Sr. Manoel Felizardo) de tal maneira me desgostou que « eu já tinha assentado de não lhe comunicar mais cousa alguma do « que nesta provincia se passava, etc. : »

Depois de haver especializado factos vergonhissimos, como, por exemplo, o de haver o presidente mandado encravar toda a artilharia do baluarte e da fortaleza, com medo de que 800 balaios tomassem a capital :

Allega o historiador que o brigadeiro Luiz Alves de Lima, successor de S. Ex., achou-se nas maiores difficuldades para cortar desperdícios, sendo um dos maiores serviços que lhe attribue, haver supprimido o commissariado do exercito, facto este que moralisa com estas significativas palavras :

« Quantos por ahí andão mui *elevados* e prasenteiros que não se peijão de ostentar improvisadas riquezas, não abonadas por outra industria e commercio, como se já lhes não pesasse o rotulo infamante de sua mal adquirida posse, patente aos olhos de todos. »

Bem feias erão as accusações que o nosso actual ministro da Austria dirigiu ao presidente do Maranhão, o conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello.

No entanto, ignoro qual foi a defesa produzida por S. Ex. da sua presidencia na provincia do Maranhão.

O ministerio dos cinco annos é um periodo rico para a historia dos escandalos.

S. Ex. o conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello não fez o menor protesto contra a sentença do conselho de guerra que absolveu o digno general o Sr. José Maria da Silva Bittencourt, e esta absolvição era altamente deshonrosa para o ministro da guerra.

E' sabido que, denunciando o inclyto deputado Mello Franco as extraordinarias prevaricações e abusos que se davão no arsenal de guerra da côrte, o Sr. conselheiro Manoel Felizardo por muito tempo defendeu a administração do arsenal, considerando injustas e infundadas as denunciações do corajoso mineiro: mas, devendo ceder á evidencia resultante dos exames a que teve de mandar proceder, contentou-se com demittir o director e o vice-director, bem como alguns empregados mais.

O director e o vice-director, militares briosos, reclamarão contra o dezar resultante de uma demissão pura e simples em taes circumstancias, e o ministro viu-se, máo grado seu, obrigado a mettê-los em conselho de guerra. O volumoso processo ahí corre impresso, e não pôde ser mais instructivo.

Dizia a accusação que, contra as disposições dos regulamentos e ordens em vigor, compravão-se no arsenal, atrás da porta, centos de contos de réis, sem precedencia de annuncios, e sempre a certas e determinadas pessoas.

O estribilho da defesa era eloquente.

« *Tomem-se contas a quem mandou; o arsenal foi simples executor.* » (Defesa impressa do general Bittencourt, fl. 40).

E documentos se apresentarão provando que essas compras mysteriosas erão clandestinamente ajustadas entre os fornecedores e o ministro da guerra, o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello.

Lêrão-se ao conselho de guerra notas reservadas em que S. Ex. o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello mandava dizer ao director do arsenal, que a clausula das ordens « *não podendo comprar por menos* » nada significava e que erão meramente palavras tabelliôas, devendo comprar-se pelo preço marcado nos avisos sempre que os fornecedores não quizessem fazer abatimento!

Em vista de tão procedentes argumentos ficou patente que o criminoso pelas dilapidações em grande escala praticadas contra o thesouro publico no arsenal de guerra, não era o director do arsenal o Sr. general José Maria da Silva Bittencourt, mas sim o ministro da guerra, o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello.

O general foi absolvido.

E o ministro deixou passar em julgado a significativa sentença sem oppor-lhe o mais ligeiro embargo!

Não foi só no ministerio dos 5 annos que S. Ex. deixou gloriosas recordações.

Os archivos do ministerio de 2 de março são dignos de mais serio estudo e ahí ha muito que esmerilhar.

Exemplificarei.

Havia eu denunciado pela imprensa o nobre ex-ministro de fazer da estrada de Santa Cruz *uma especie de encarnação de sua familia (Bangú)*.

Os factos em que baseei aquella denuncia são singulares.

Mal entrára para o ministerio de 2 de março o Sr. conselheiro Manoel Felizardo quando praticou o mais formal e escandaloso nepotismo no contrato de conservação da estrada de Santa Cruz. Tendo-se de contratar do marco das Tres ao marco das Sete, isto é, quatro leguas, e concorrendo licitantes diversos, S. Ex. deu preferencia a seu sobrinho Vicente José de Castro e Souza, que pedira 500 rs. por braça corrente, deixando de contratar com o Dr. Theodoro Antonio de Oliveira, que se offerencia a fazer o mesmo serviço, mediante as mesmas condições e garantias, á razão de 420 rs. E' verdade que ostensivamente deu a seu sobrinho só o preço que o outro licitante propuzera, mas deixou liquido

que, em qualquer hasta publica do ministerio da agricultura, enquanto S. Ex. fosse ministro, não apparecerião mais outros licitantes sempre que o fossem irmãos, sobrinhos, genros e cunhados de S. Ex.

Nisto não ficára a feia afilhadagem, porquanto, sendo a proposta por braça corrente, e escrevendo-se no art. 1º do contrato as seguintes palavras: — *obriga-se a conservar a 420 rs. por braça corrente* a estrada entre os pontos marcados, *id est*, do marco das Tres ao marco das Sete, no titulo da inscripção se faz dolosamente a declaração de que do marco das Tres ao marco das Sete ha 12,000 braças, como succederia se as leguas da estrada de Santa Cruz fossem de 3,000 braças cada uma, quando todo o mundo sabe, consta de documentos publicos e pôde verificar-se até pela planta da cidade do Rio de Janeiro, que os marcos destas leguas são postos de 2,500 em 2,500 braças. Por virtude da inscripção e contra o titulo do contrato passou o feliz emprezario a cobrar por 10,000 braças de conservação de estrada 5:040\$ annuaes, isto é, mais 40\$ do que a quantia á que lhe dava direito a sua proposta de 500 rs por braça corrente se fosse aceita.

E, havendo eu publicado pela imprensa esta escandalosa espezteza, S. Ex. expediu diversos avisos suggerindo aos engenheiros desculpas para o acto de nepotismo que havia praticado; no entanto continuou a mandar pagar a seu sobrinho a conservação, calculando sempre como se as leguas fossem de 3,000 braças.

Ahi está, entre outros, o aviso de 14 de dezembro de 1861 ao ministerio da fazenda:

«— Ao mesmo, para que pela verba a que se refere o § 26 do art. 2º da lei do orçamento vigente, se pague no thesouro nacional a Vicente José de Castro e Souza, na conformidade do seu contrato de 18 de maio ultimo, a segunda prestação de 1:260\$ pela conservação da estrada de Santa-Cruz a partir da estação da Cascadura até o marco das Sete leguas, relativa ao trimestre decorrido de 18 de agosto a 18 de novembro findo.»

Quando assim resolvia a questão mandando pagar por tres mezes 1:260\$, que é justamente o que teria direito de receber seu sobrinho se do marco das Tres (Cascadura) ao marco das Sete houvesse 12,000 braças, expedia avisos sobre avisos para os engenheiros lhe explicarem se as leguas de conservação se medião no terreno ou no contrato.

Pelo aviso publicado no *Jornal do Commercio* de 26 de dezembro de 1861, tive porém o prazer de verificar que os engenheiros das obras

publicas não acháráo furo ás insinuações de S. Ex., e que os contractadores, na qualidade de gente de casa mostrando-se ao facto do ruge-ruge que lavrava pela repartição das obras publicas, fizeram não sei que requerimento. O certo é que no expediente da secretaria publicou o *Jornal* o seguinte aviso.

«1.ª secção — A secção dos negocios do imperio do conselho de estado, relator o Sr. marquez de Olinda, remetendo o requerimento de Vicente José de Castro e Souza e Agostinho Pereira da Cunha, e mais papeis que os acompanhão, afim de que consulte com seu parecer sobre a seguinte questão: se, reconhecida como foi pela inspecção geral das obras publicas, que é de 10,000 braças correntes cada uma das secções da estrada de Santa Cruz, cuja conservação fôra contratada com os peticionarios, e não de 12,000 braças, como se declarou no contrato que para esse fim se celebrou, deve continuar a pagar-se aos conservadores na fórma deste contrato, ou segundo a medição ultimamente feita e neste caso se os conservadores devem restituir á fazenda nacional o que por excesso receberam nos pagamentos anteriores.»

Este aviso de remessa ao conselho de Estado é curiosissimo.

Confessa que a inspecção das obras publicas reconheceu o que é publico e notorio, constante dos archivos publicos, mappas, plantas, etc., a saber: que as leguas de Santa Cruz são de 2,500 braças cada uma, e que por tanto do marco das Tres ao das Sete, isto é, no espaço da empreitada do sobrinho, ha 10,000 e não 12,000.

Inculca porém que no contrato se declarou ter a secção 12,000 braças, quando só existe essa declaração ob e subrepticia, na inscripção do contrato, e não nos termos della e menos ainda na proposta do contractor.

No entanto falcando a hypothese, e fazendo-se procurador dos contractors, pergunta se o pagamento se deve fazer na forma do contrato (!) ou segundo a medição ultimamente feita.

O que torna mais desfrutavel toda esta comedia é a simplicidade com que S. Ex. pergunta ao conselho de Estado se, tendo seu sobrinho recebido dinheiro demais, deve restitui-lo.

Não sei o que decidirá a secção, pelo modo especioso porque se faz a consulta, talvez sem ir acompanhada dos contratos e propostas originaes, e tambem porque, enfim, os conselheiros de estado, duplamente collegas do Sr. ex-ministro da agricultura, como taes e como senadores, hão de ficar coactos vendo que se trata de roupa suja de

casa do seu collega. Quem ha de pagar as custas ha de ser sempre o thesouro publico.

E o mais é que o requerimento dos empreiteiros parentes podia ter allegado que já estavam na posse e uso das novas unidades lineares inventadas na geodésia da secretaria da agricultura; fallo das taes *leguas de contrato* a que se referem os avisos de S. Ex. substituindo-as ás *leguas legaes* e demarcadas; poisque serão dellas contratos anteriores que, bem como os que ora se executão, para maior gloria do Exm. Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, lá se achão estampados nas duas primeiras paginas do tomo 3º dos annaes da camara dos deputados em 1861.

O Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello foi no anno de 1858 presidente de Pernambuco por espaço de 40 dias. Uma lei provincial déra ao Sr. Taques, antecessor de S. Ex., um voto de confiança para arbitrar certa indemnisação equívoca. O Sr. Taques, reconhecendo o dedo dos gregos no presente que se lhe fazia, absteve-se cautelosamente de tocar-lhe. O Sr. Manoel Felizardo arbitrou 60:000\$, e seria curioso confrontar a data do aviso com a entrada do vapor que levou o Sr. Saraiva para substituir á S. Ex. Essa confrontação poderia attenuar os commentarios que o acto de S. Ex. desafiou, e talvez provar que não forão as ordens antedatadas.....

S. Ex. póde, é verdade, responder aos malevolos que, durante o seu ultimo ministerio, um francez de nome Guigon, morador á rua de S. José, levado pela fama, offereceu a S. Ex. 100:000\$000 a troco de um contrato de colonisação que não obteve.

S. Ex. póde alardear que levou á junta dos directores a carta em que se lhe propunha a peita, e que repelliu officialmente, e mesmo com solemnidade, a proposta. Mas dizem que o projecto do francez era por singular inaceitavel, ainda que o ministerio não houvesse inaugurado a celebrissima politica de encampação de colonias particulares pelo governo, e que portanto não havia trato possivel ainda que S. Ex. quizesse faze-lo.

E, sendo assim, a tentativa de peita era simplesmente uma anedocta escandalosa: não podia dar thema para tamanha ostentação de desinteresse e de catonismo, nem serve de aresto para a beatificação de S. Ex.

Sobretudo, quando tão caracterizada está a amabilidade com que S. Ex. procedeu para com os seus parentes de Bangú, inventando novas medidas itinerarias como as taes *leguas de contrato*, que, á semelhança das *leguas inglezas*, francezas e portuguezas, bem podem chamar-se de ora em diante *leguas do Bangú*.

Sobretudo quando S. Ex. ainda não explicou os graves interesses do Estado que o levárão a ageitar para um seu genro, com a accumulção dos vencimentos de diversos empregos, uma renda annual superior a 12:000\$, tornando assim a repartição da agricultura uma especie de encarnação da familia Bangú.

Com taes antecedentes não admira que o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello se fizesse perante as camaras solidario com as injurias, e diatribes que mandou escrever contra o ex-director empresario da companhia do Mucury.

Quer companheiros na triste celebridade que o acompanha desde a guerra dos balaíos através do arsenal de guerra até á fazenda do Bangú e nepotismo da secretaria da agricultura.

O espirito e a razão ainda se lhe não transviarão de modo que S. Ex. desconheça quanto ganharia se pudesse nivellar-se em reputação e bom nome com a victima que immolou nos altares do odio politico, da cortezanice e da baixaza.

Não podendo, porém, elevar-se á posição em que estou collocado na estima dos homens de bem, machina arrastar-me á possilga onde chafurda.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1862.

TREOPHILO BENEDICTO OTTONI.

APPENSO A.

Estrada de Santa Clara a Philadelphia.

« Essa grande via de comunicação terrestre representa essencialmente o pensamento abraçado pela companhia do Mucury, resume a maior força de seus trabalhos, e absorveu, como era de supôr, a melhor parte de seu capital.

« Podia divergir-se sobre o ponto da costa, onde terminaria aquella comunicação, e por conseguinte sobre o rio que lhe serviria de base; mas, reconhecida a existencia de uma zona de mattas bordando o litoral, e estendendo-se 60 a 70 leguas para o interior, era preciso devassal-a por meio de uma boa estrada de rodagem, e foi diante deste pensamento que não recuou a extincta companhia.

« O que sim, parece, é que hesitou ella sobre a direcção geral que cumpria dar-lhe, isto é, se devia a estrada correr pela margem esquerda do rio, procurando um ponto mais septentrional de Minas, ou se, preferindo a margem direita, buscar mais o centro daquella provincia.

« Esta segunda idéa foi adoptada, e a estrada desenvolveu-se atoutamente ao rumo geral de Este-Oeste.

« O traçado, considerado em seu todo, tem algum merecimento, porque não mudou de proposito diante de difficuldades, que parecião insuperaveis.

« Descendo, no entanto, aos detalhes descobrem-se aberrações singulares daquella intenção. Ouvi explicar como caprichos d'empreiteiros, alguns desvios, que não se justificão nem pela commodidade do transito, nem pela brevidade da linha, e apenas pela economia de trabalho.

« Como quer que seja, aberto o traço procurou-se dar a esse caminho os caracteres de uma estrada de rodagem, e para isto se resolveu :

« 1.º Cortar através da matta um caminho com 20 palmos de largura.

« 2.º Nivelar o terreno de fórma que a inclinação nunca excedesse de 0,03, ou 3 ‰, na expressão geral, que é quanto exigem os vehiculos de transporte

« 3.º Fazer as pontes, pontilhões, boeiros, e mais obras de arte, que fossem indispensáveis.

« 4.º Descortinar seis braças de matta, sendo tres de cada lado da estrada.

« Quanto á superficie desta, parece que não se determinou systema especial, porque deixando-lhe a fórma plana, nenhuma materia devia cobri-la para a solidificar.

« E' que talvez contou-se com a resistencia da formação geologica, até ao ponto de encarar como indispensavel o principio geral dos esgotos, e apenas, como excepção se applicou o areamento (*sablage*) nos logares em que a pratica mostrou exigi-lo imperiosamente.

« Consta que a companhia pensára alguma vez em aperfeiçoar a superficie da estrada applicando-lhe o *cailloutis*, mesmo pelo systema Mac Adam; mas, não devia passar isso de uma veleidade, que as forças da empresa mal apoiavam. Semelhante dispendio seria tambem ocioso, por isso que o terreno se prestava a um systema de esgotos capaz de conservar a estrada enxuta e consistente, pelo menso emquanto o trafego por ella não tomasse maiores proporções.

« A abertura da estrada começou simultaneamente de Oeste para Leste a partir de Philadelphia, e a rumo opposto partindo de Santa Clara.

« A sua construcção foi dividida em secções, que muito deversificáram entre si pela natureza das obras, e perfeição do trabalho. E' pois, conveniente fazer a discripção propriamente dita da estrada, examinando-a pela sua vez cada uma dessas secções, e mencionando os serviços de arte que ellas abrangem.

« A 1.ª secção, a partir de Philadelphia, chega ao logar conhecido com o nome de Ribeirão da Saudade, e mede uma distancia de 4 3/4 leguas.

« Esta secção da estrada foi construida no valle do Todos-os-Santos rio, que ella acompanha a tão breve distancia, quanto permitem as sinuosidades do seu curso.

« Sendo o valle sujeito aos desbordes do Todos-os-Santos, que successivamente recebe como tributarios os ribeirões de S. Benedicto, do Poton, de Itamonhec, o mais pequeno chamado de Antonio Dias, e acaso algum outro, o trabalho principal da estrada consistio em um grande aterrado, que atravessa o valle, e prende entre si as raras elevações do terreno.

« O serviço de aterros sendo de ordinario muito dispendioso, foi todavia nesta secção da estrada feito com largueza, elevando-se elle em geral de 8 a 12 palmos, em pequenas distancias a 15, e por excepção a alguma maior altura.

« O aterro solidamente comprimido na largura da estrada, fórma para os lados um talude de 0,25, com plantação de gramma e apresenta assim um trabalho consistente e duravel.

« Resta apenas, em previsão de extraordinarias enchentes do rio Todos-os-Santos dar maior altura ao aterro em alguns logares, que as aguas tem ameaçado superar, e bem assim completar a pequena parte, que ficou em andamento quando foi a companhia encampada.

« Vem aqui a proposito notar que esta secção da estrada tornou-se particularmente dispendiosa á companhia.

« Resultando ser muito baixo o nivelamento que em relação ás enchentes do Todos-os-Santos foi originariamente traçado, nos annos de 1855 e 1856 o rio arrebatou os aterros feitos; e houve que renovar com a elevação que hoje tem, e que assoberbou as maiores cheias daquelle rio, occorridas depois.

« E' evidente que sendo essa secção da estrada formada em grande parte por meio de aterros no valle de um rio, podia dar-se-lhe a declividade que se julgasse melhor.

« De facto não excede ella em geral de 2 a 3 ‰, sendo que o declive de 0,038 é considerado pela sciencia o mais adaptavel para toda a especie de estradas de rodagem.

« Em raros espaços, e a consequencia de cavas feitas nos morros, para evitar largos desenvolvimentos, acha-se a declividade de 5 ‰, que com pouca despeza poderia reduzir-se aos 0,038 acima indicados.

« Além do grande serviço do aterro tem a secção da estrada esses de cavas, ou córtes nos morros, sendo algumas bem importantes.

« Neste numero deve citar-se a que se encontra na subida chamada de Poton, e que progredindo em altura á medida que o caminho avança chega a ter não menos de 50 palmos.

« Proximo ao sitio chamado Itamonhec ha um trabalho semelhante, porém, em menor extensão de terreno.

« Ha ainda nesta secção da estrada e já perto do Ribeirão da Saudade, dous paredões ou muralhas de pedra para sustentar o desmoronamento.

« Essas muralhas tem de 10 a 12 braças de comprimento, 20 palmos

« de elevação, e de 6 a 4 de largura em talude; e semelhante obra, sem
« poder considerar-se de grande consistencia, como de alguma fôrma
« indicão suas proporções, tem até agora preenchido o fim a que se desti-
« navão, e é de crer que o mesmo aconteça durante mais alguns annos.

« Por ultimo esta secção, além de um grande numero de boeiros
« e pontilhões rusticos, tem 11 pontes, das quaes nove de madeira la-
« vrada, e de diversos comprimentos, não excedendo de 100 palmos o
« das maiores, e nem baixando as menores de 35.

« A construcção dessas pontes, bem como as de todas as que se
« achão na estrada é simples, e bastante solida; nada, porém, é menos
« do que esmerada a superestrutura dellas, e algumas ha que carecem
« de reparos para poder manter-se.

« Da descripção que precede pôde concluir-se que a primeira secção
« da estrada a partir de Philadelphia foi construida com bastante esmero
« por parte da companhia: que essa secção comprehende trabalhos muito
« dispendiosos, e emfim que pouco necessita ainda para legitimamente
« corresponder ao titulo de — estrada de rodagem.

« E' que á qualificação de primeira pôde juntar a de melhor secção
« da grande estrada do Mucury.

A 2ª secção vem do Ribeirão da Saudade ao sitio denominado —
« Quartel — e tem de extensão 4 leguas.

« Bem ao contrario da secção precedente que teve de atravessar,
« a favor de grandes aterros, o valle de um rio, esta teve de desenvol-
« ver-se por através de morros cuja ingremidade attenuou com repetidos
« zig-zags, ou por meio de côrtes, como ligeiramente mostrará a seguinte
« descripção:

« Desviando-se da margem do Todos-os-Santos, e a distancia como
« de 600 braças do Ribeirão da Saudade, a estrada procura uma depres-
« são de serra que transpõe sem exceder a declividade de 5 %. — Segue
« depois até o Ribeirão da Canna Brava, que atravessa, percorrendo logo
« como um quarto de legua de terreno quasi plano.

« Sobe em seguida dous grandes morros chamados da Canna-Brava,
« e do Angelo, sendo a declividade de 5 % mantida sempre.

« Observa-se ali que o alinhamento soffreu um grande desvio de
« rumo geral, mas parece que o motivo foi poupar obra de maior dis-
« pendio, como seria a de cortar uma grande lage, que existe proxima
« ao Ribeirão da Canna-Brava. — Por meio de um duplo desenvolvi-

« mento, ou zig-zags, evitou-se esse tropeço, tornando logo a directriz
« ao rumo ordinario.

« Progredindo a estrada, atravessa ella sobre pontes os Ribeirões
« do Tanque, e das Dezoito Passagens, tendo superado com declive,
« que não excede a 6 %, um morro que entre ambos existe.

« Neste ponto da estrada observa-se um segundo desvio, que parece
« explicar-se pela conveniencia de evitar alguns morros muito elevados,
« pertencentes á serra, por sem duvida mais consideravel da região
« do Mucury.

« A curta distancia do Ribeirão, ou Corrego do Ouro, que a estrada
« atravessa sobre uma pequena ponte de madeira, principia a subida de
« uma verdadeira montanha, chamada Morro do Cupam, conservando-
« se todavia o declive de 5 % graças a um desenvolvimento como de
« 1,000 braças que ahi se deu á directriz.

« Atravessando successivamente duas vertentes do Ribeirão das
« Lages, a estrada começa a ser quasi plana, e assim vai até ao ponto
« chamado Quartel, onde termina a 2ª secção.

« De todas as secções da estrada de Philadelphia é esta a que apre-
« senta maior numero de pontes, pois tem não menos de 14, todas de ma-
« deira lavrada, mas como as da 1ª secção, feitas com pouco esmero e
« carecendo muitas dellas de urgentes reparos.

« O trabalho, porém, mais importante desta secção é o das cavas,
« ou côrtes nas falda dos morros, e que succedendo-se uns aos outros,
« devem ter sido dispendiosos pela sua consideravel altura e compri-
« mento.

« Em diversos sitios da estrada nota-se a presença de rochas, que
« embaraço o transito, e que com facilidade serião quebradas, estando
« já brocadas para esse fim. — Admira até que a companhia deixasse de
« levar a diante essa idéa, em tres ou quatro annos que teve para o fazer,
« e quando toda a despeza se limitava a algumas arrobas de polvora.

« Pôde resumir-se o juizo sobre esta 2ª secção da estrada dizendo,
« que é inferior á que lhe precede, mas que ainda na importancia de
« trabalhos, e no seu custo se approxima della; e melhorada como pôde
« ser com pouco dispendio, satisfará ás necessidades do transito no ca-
« racter de — estrada de rodagem.

« A 3ª secção, que se prolonga do Quartel até o Ribeirão da Arêa
« conta 5 3/4 leguas.

« Na primeira parte della, que acompanha o Ribeirão do Quartel,

« foi necessário sustentar os aterros com muralhas semelhantes ás da 1.^a secção; e ao aproximar-se da colonia militar do Urucú soffreu um
« largo desvio, para ladear montes escavados, que impossibilitavão proseguir-se no rumo geral.

« Vem a proposito observar que passando ao sopé dos morros em
« que assenta a colonia militar, a grande estrada só communica com essa
« colonia por meio de duas estreitas veredas, quando está verificado
« que poderia atravessar a colonia em toda sua extensão, dando-lhe assim
« maior prosperidade de que ella hoje goza.

« Passando aquem da colonia militar a estrada penetra no valle do
« rio Urucú, e ali repetem-se os aterros, bem que muito menos altos, e
« extensos do que no valle do Todos-os-Santos.

« Como lá os decliveis são favoraveis, não excedendo de 2 a 3 ‰,
« com excepção de dous pontos, em que para evitar os desvios do Urucú,
« foi necessário transpor morros que elevárão esse declive a 5 ‰.

« Ainda assim não menos de tres vezes a estrada atravessa aquelle
« rio sobre pontes de madeira, das quaes uma tinha recentemente
« desabado.

« Havendo urgente necessidade de a reconstruir para que, ás primeiras chuvas, não ficasse a comunicação interceptada, encarreguei
« desse trabalho o engenheiro Schlobach, e com o já está a obra prompta
« presumo não errar dizendo que em seu genero é hoje a melhor do rio
« Mucury. — Junto a este relatorio a planta da ponte com seus diversos
« côrtes.

« Aquem do Urucú a estrada conserva ainda por algum espaço as
« suas melhores condições; mas quando se aproxima do morro anterior
« ao Ribeirão da Arêa observão-se graves defeitos no traçado. Entre elles
« diâmetros tão escassos, ou em outros termos, voltas tão agudas, que
« com difficuldades permitem o transito de vehiculos.

« Parece ainda que a directriz seria mais acertada inclinando-se ao
« Sul, para aproveitar uma depressão do indicado morro, o que faria.
« aliás com menor rodeio, conservar a declividade de 4 a 5 ‰ quando
« pelo caminho actual ella excede de seis.

« Dez pontes de madeira conta esta secção da estrada, tôra os vestígios de alguma que foi destruida, supprindo-se a sua falta com um
« pequeno desvio. — A maioria dessas construcções é ainda inferior ás
« que antes forão descriptas.

« Assim a 3.^a secção da estrada mostrando na sua primeira parte

« esmero igual ao que se usou com as secções anteriores, no resto ella
« perde essa condição, e parece mesmo ter carecido de sufficiente es-
« tudo até no seu alinhamento.

« Mais extensa do que as anteriores a quarta secção conta-se do Ri-
« beirão da Arêa ao Ribeirão das Pedras, e mede 6 1/2 leguas.

« Partindo da ponte que existe nesse primeiro arroio, ponte provisó-
« ria ao que mostra sua inferior construcção, a estrada acompanha uma
« vertente do corrego da Onça, e vai logo atravessar a depressão de uma
« pequena serra, sem exceder o declive de 5 ‰. — Transpõe em seguida
« o Ribeirão da Boa-Vista, onde se descobrem casas, e roças de colonos,
« que as abandonárão algum tempo. — Ha tambem nesse logar um roça-
« do da companhia.

« Depois de uma subida, onde o declive chega a 6 ‰, a estrada vai
« o espaço de meia legua por um terreno quasi plano.

« Nota-se logo um desvio da linha adoptada, afim de evitar morros
« mais ingremes e conservar a declividade de 5 ‰, a qual todavia é
« excedida proximo ao sitio chamado Caixa das Pedras, onde existem um
« pequeno e ruinoso rancho e plantação de gramma, tudo feito pela
« companhia.

« No Ribeirão da Caixa das Pedras ha uma ponte de madeira sobre
« lage, pelo systema de trempes.

« Partindo desse logar a estrada vai com diversos declives, que
« todavia não excedem de 6 ‰, procurar o ribeirão de S. Domingos.

« Nesse intervallo encontra-se o logar de maior perigo em toda a
« estrada. É uma volta extremamente aguda, e que tendo de um lado o
« declive da montanha apresenta do outro uma grande profundidade; e
« como a vereda é assás estreita, nada mais facil do que precipitar-se
« dahi um vehiculo. Parece mesmo que esta supposição já não carece de
« algum exemplo.

« A obra que a estrada ali exige é pois urgente, e não importa ex-
« traordinaria despesa.

« Depois de atravessar duas vezes o ribeirão de S. Domingos a es-
« trada avança, aproveitando as pequenas chapadas, ou, por meio de des-
« vios, ladeando os morros, que exigião côrtes muito dispendiosos.

« Nota-se ali paciente trabalho no alinhamento, pois se conseguiu
« descobrir e aproximar, por meio de serviços especiaes dous espigões
« de serra, ponto unico talvez que naquellas paragens se encontrava
« para tornar possivel a continuação da estrada de rodagem.

« Igualmente para que ella continuasse até ao ponto chamado Lagôa
« foi necessario quebrar com polvora as rochas, que não era possível
« evitar.

« Immediato á Lagôa existe outro grande roçado aberto pela com-
« panhia, que a estrada rodeia, desviando-se assim do seu rumo para
« evitar uma crescida despeza de aterros.

« Pouco adiante d'esse lugar notão-se declives superiores a 5 %, até
« a estrada tomar uma chapada, que percorre por espaço de 2 1/2 legua e al-
« cança uma outra lagôa, chamada do Verdier. Com dous pequenos des-
« vios a directriz vai até ás vertentes do correjo de Santos, e toma de novo
« a chapada, pela qual adianta até ás vizinhanças do Ribeirão das Pedras
« onde a 4ª secção termina.

« Ao chegar a esse ponto encontra-se um declive, que não tem menos
« de 9 a 10 %, por espaço de um quarto de legua, o que o torna
« assás difficil para os vehiculos de qualquer especie.

« Ha no entanto motivo para crer que essa ingremidade podia ser
« evitada, levando-se a directriz mais ao Norte, onde o terreno permittia
« reduzi-la a 5 %, e com alguma maior despeza a 1/2.

« Esta secção da estrada, máo grado o muito trabalho que representa,
« e que se nota em extensos côrtes de morros, construcção de quatro mu-
« ralhas em diversos pontos, e ainda, outras obras de crescido dispendio
« e notavelmente imperfeita, e por isso a que mais exige reparações e
« complementos.

« Em primeiro logar tem ella metade da largura que lhe corresponde,
« e que a companhia determinou usar em toda a estrada. Carece tambem
« de bons esgôtos para se conservar enxuta, mesmo porque uma grande
« parte se desenvolve sobre terrenos planos. As sargêtas, que n'alguns
« pontos parece ter tido, forão sem duvida muito ligeiras, pois dellas
« apenas restão os vestigios. As pontes em numero de nove são de madeira
« sem lavrar e de construcção inteiramente provisoria. Emfim mal des-
« cortinada a matta, a vegetação arbórea vai reconquistando o logar da
« estrada, e não tardará que o transito de vehiculos se ache ahi in-
« terceptada.

« Desta maneira essa 4ª secção mostra bem o enfraquecimento de
« meios, em que cahira a companhia, quando della teve de occupar-se.
« Dir-se-ia que era a obra da incuria, se não se soubesse que era a da
« impotencia.

« A 5ª e ultima secção da estrada conta pouco mais de seis leguas, e
« vindo do Ribeirão das Pedras acaba em Santa Clara.

« Se houve terreno azado para a abertura, de uma boa estrada de
« rodagem, foi esse da 5ª secção.

« Não encontrava ella morros que superar, nem valles que exigissem
« grandes aterros; mas um terreno alto e plano, de modo que, derrubada
« a matta que o cobria, e desobstruido de raizes o espaço necessario ao
« transito, a estrada podia considerar-se feita. No entanto é um estreito
« caminho o que ahi deixou a companhia.

« Melhor o fará ver uma ligeira descripção delle.

« A partir do Ribeirão das Pedras encontra-se uma subida com
« 9 %, de declive, e que conta não menos de 500 braças de extensão.

« Depois vai-se pela chapada, ou terreno plano, o espaço de meia
« legua até ao sitio do Jacupemba, de tão lugubre celebridade pelo mor-
« ticinio que praticarão os selvagens na familia do colono José Coelho
« Vaz, em dias de maio do anno preterito.

« No Jacupemba acha-se um declive, e um contra-declive, ambos de
« 10 %; depois a estrada corre por terreno plano, e n'um alinhamento
« quasi rectilineo até ao correjo denominado de S. Mathcus, assento pri-
« mitivo da colonia militar do Urucú.

« Antes de chegar a esse ponto nota-se uma descida com 7 % de
« declividade, e a subida correspondente com mais de 5.

« D'ahi a chapada continúa, atravessando o nucleo colonial de Bar-
« reado, para ir chegar ao outro nucleo do correjo dos Macacos.

« Nos Macacos acha-se uma declividade de 5 %, mas na meia legua
« que resta até Santa Clara o terreno continúa a ser plano, acompanhando
« com algum desvio a margem meridional do rio Mucury.

« A chegar a Santa Clara ha uma extensa muralha de pedra, que
« sustenta o aterro ahi lançado, e que não apresenta bastante aspecto de
« solidez, nem nas suas convenientes proporções, nem no seu estado de
« conservação.

« Pelo contrario talvez não demore muito a necessidade de sua
« reconstrucção.

« Se ao que precede se accrescentar que, a excepção da meia legua en-
« tre Macacos a Santa Clara, toda a estrada na 5ª secção tem apenas
« metade da largura que lhe corresponde: que nunca teve o necessario
« descortinamento da matta aos lados della, que não se fizerão os traba-
« lhos convenientes de esgôtos, de sargêtas, e os mais que poderião

« conserva-la enxuta, forçosamente se verá a concluir que essa 5ª secção
« da estrada, partindo de Philadelphia, e primeira ao sahir de Santa Clara
« é apenas um ruim caminho, por através da matta virgem.

« Tendo por esta fórma descripto as 5 secções em que se póde dividir
« e tem sido considerada dividida a grande estrada aberta pela companhia,
« formularei agora o juizo que, no seu todo, entendo merece ella.

• A estrada de Philadelphia a Santa Clara não corresponde em geral
« á idéa que de ordinario se liga ás palavras — estrada de rodagem.—
« Ella acha-se mesmo fóra das especies em que technicamente são as
« estradas divididas, cabendo-lhe apenas o modesto nome de — cami-
« nho de terra, pois taes são o seu aspecto e natureza.

« Todavia, não se póde desconhecer que essa estrada representa
« uma grande somma de trabalho, primeiro pela sua notavel extensão, e
« segundo pelas condições do terreno que teve de devassar.

« Quanto á extensão, já foi consignado que ella mede 27 1/2 leguas,
« e talvez mais alguns centos de braças.

• O terreno era um solo montanhoso, e de certo ponto em diante
« violentamente accidentado de alturas gigantescas, de cavidades pro-
« fundas, de rios, de regatos, de penedias, e tudo isso involto por uma
« matta de opulencia vegetativa, que apenas tem igual no mundo.

« Foi vencendo esses obstaculos que a companhia teve de buscar
« a directriz para a sua maior via de comunicação terrestre, e pois
« deve relevar-se a preterição de completo exame do terreno, que se nota
« em alguns logares, e ainda a falta de trabalhos scientificos que cos-
« tumão presidir ao traço de uma estrada.

« Na de Philadelphia a Santa Clara parece que prevaleceu muitas
« vezes a inspiração occasional, e porventura o livre alvedrio dos em-
« preiteiros.

« E', porém, nas obras complementares que se observa maior
• imperfeição.

« Das 44 pontes de madeira que a estrada contém, apenas a terça
• parte promette sufficiente duração : as outras, além de seu tosco aspecto,
« devem considerar-se provisórias, e ha mesmo um numero dellas que
• carece de immediatos reparos.

• As muralhas preenchem por enquanto o fim de sua construcção,
« mas tambem é a unica circumstancia que as recommenda, pois as suas
« proporções renegão os principios da sciencia em obras dessa especie, e
« com semelhante destinação.

« De esgotos systematisados carece a estrada em todo o seu com-
« primeto. Apenas conta ella com os da declividade, que, se bastão
« para conservar enxutos os pontos elevados, augmentão a accumulção
« das aguas nos pontos baixos, produzindo lodaças e desmoronamentos.
« A superficie da estrada, exceptuada uma parte da 1ª secção, e pequeno^s
« espaços nas outras, é a que poderia chamar-se — natural — E' atre-
« ra, e terra menos consistente como devia ficar, sendo fundamente removida
« para se extrahirem as raizes das arvores cortadas.

« Além de tudo isso, o descortinamento da matta nunca parece ter
« sido feito com a necessaria repetição, exceptuada talvez a parte da es-
« trada que vai da Colonia Mititar a Philadelphia.

• Nem é descabida uma observação neste logar.

« E' da natureza da vegetação silvestre ir enfranqueando-se no que
« poderião chamar-se suas—gerações—successivas, de modo que, se a
« companhia tivesse com a indicada repetição descortinado a matta, esta
« não se mostraria tão viçosa, e com tão pronunciada tendencia a suffocar
« a estrada.

« Do que precede julgo poder concluir que a estrada de Philadelphia
« a Santa Clara, apesar do seu custo assás consideravel, ficou bem longe
« das condições de commodidade, que devia ter attingido.

« Para a trazer a essas condições são necessarias despesas muito
« crescidas, de prompto, e ainda alguns annos depois as do descortina-
« mento periodico da matta, plantações de gramma, e outras de seme-
« lhante natureza,

« Só então essa estrada se virá achar no estado que technicamente
« se chama de — conservação simples —, e é aquelle em que a despeza é
« modica, e em grande parte supprida pelo rendimento de barreiras e
« pedagogios.

« Até que ponto a estrada justificará os ingentes auxilios dos cofres
« publicos, que para tudo isso serão indispensaveis, é questão que se
« subordina ás circumstancias economicas do Estado, á prioridade que
« outros serviços reclamão no paiz, e ainda ás idéas sobre a viabilidade
« que prevalecerem em referencia ao Mucury.

« Seria portanto materia, ou estranha, ou superior a este documento
« e abstrahindo della, finalisarei a noticia sobre a estrada de Philadelphia
« a Santa Clara dizendo que, se essa obra constitue para o paiz, e es-
« pecialmente para a provincia de Minas um melhoramento importante,
« para os cofres publicos ha de ser por muitotempo um pesado encargo.»

DOCUMENTO N. 3.

Illm. Sr. Alfredo barão de Byrn.—Sua casa, 16 de fevereiro de 1862.
—Para defender-me de uma accusação de inexacto que me faz o Sr. commissario, arbitro do governo imperial no Mucury José. Candido Gomes, em sua correspondencia inserta no *Jornal do Commercio* de 28 de outubro proximo passado; preciso que V. S. me responda aos quesitos seguintes:

1.º Quando em agosto do anno passado aqui vierão alguns fazendeiros do Pessanha, Clemente Ferreira Barros e outros, a quem os mesmos procurarão?

2.º Quem os guiou para sua casa a fim de que V. S. ficasse ao facto do fim de sua viagem e entercedesse ao governo imperial para satisfazer ao seu pedido?

Respondendo a estes quesitos muito obrigará a quem é com toda a consideração. — (Assignado). — AUGUSTO BENEDITO OTTONI.

Philadelphia, 16 de fevereiro de 1862. — Illm. Sr. — Faça favor de desculpar a demora de minha resposta, mas eu estive até agora tão occupado, que não tive um momento para lhe escrever.

Em resposta á primeira pergunta, eu tenho a responder que, chegando aqui nos primeiros dias do mez de setembro do anno passado do Pessanha o fazendeiro Clemente Barros e outros, elles procurarão primeiro a casa do Sr. Augusto Benedito Ottoni, não sendo conhecido a elles, que a companhia do Mucury já não existia.

Em resposta á segunda, eu tenho a certificar a V. S., que mandei estes homens para casa, depois de ter informado a elles que o governo imperial tomou conta do Mucury, e que eu tinha sido director das colonias. O fazendeiro Barros me dá depois, noticia sobre a viagem que elle tinha feito, nos rastros de um bugre que elle tinha visto seguir este caminho, me dá conta da riqueza destas regiões, da grande população, e da fertilidade, e se queixou muito de não ter um caminho para poder exportar tantos productos, por fim elle me pediu de dar informações ao governo imperial sobre o Pessanha, e de pedir o auxiliar á communicação deste lugar com Philadelphia, e de fazer uma estrada entre estes dous pontos.

O fazendeiro, nem seus companheiros, sabião nada de um carta, chegada do Sr. commissario arbitro do governo a Pessanha, pelo bugre Antonio Barriga, nem de uma resposta que chegou pela mesma pessoa, a Philadelphia.

Não sei se esta declaração convem a V. S., porque eu não me sei servir da lingua brasileira, e por este motivo peço desculpa das faltas desta carta.

Sua de V. S. com mais alta consideração. (Assignado)— ALFREDO BARÃO DE BYRN.

DOCUMENTO N. 4.

(CONTA E)

Contracto.

Nós abaixo assignado agente da companhia de Mucury e Angelo Martins Caldeira contractámos o seguinte:

Art. 1.º O Sr. Angelo Martins Caldeira obriga-se a reconstruir a extensão de estrada feita por Francisco José de Figueiredo começando logo adiante da meia legua que está sendo reconstruida por João Gomes Leal e acabando no principio da estrada de João José de Araujo; e a fazer, na alagôa que existe perto do serviço do mesmo Araujo uma ponte de 20 palmos de comprimento, e a altura que marcar o engenheiro da companhia, fazendo na entrada e sahida estacadas de brauna para segurar o aterro, que deverá continuar com a altura da ponte; em vez do aterro, poderá continuar a ponte se isso lhe convier, sendo de lei toda a madeira que empregar: a ponte será construida com toda a segurança.

Art. 2.º A estrada será construida na fôrma das instrucções, que acompanhão este contracto, podendo os trabalhos ser inspeccionados pelo engenheiro todas as vezes que julgar necessario.

Art. 3.º Se acontecer que algum serviço por mal feito possa comprometter a segurança da estrada terá o engenheiro o direito de o fazer desmanchar. E no exame final para aceitação da estrada exigirá do empresario que a isso se compromette todos os serviços que lhe parecerem necesarios para conclusão de uma boa estrada para carros.

Art. 4.º Obriga-se mais o empresario a conservar a mesma porção de estrada por espaço de um anno em estado de prestar bom transitto aos carros, e reparar quaesquer deteriorações que occorrerem.

Art. 5.º Se o empresario se recusar a fazer os serviços estipulados nos arts. 3.º e 4.º, a companhia os fará, e a sua importancia calculada a 1:000 dos serviço será descontadas nos pagamentos respectivos.

Art. 6.º O agente da companhia pagará pela reconstrucção da referida estrada a razão de 2:000\$ (*) por legua em duas prestações iguaes,

(*) Recebeu este empreiteiro pela reparação ou reconstrucção parcial desta legua cerca de 5 contos de reis—por virtude de novação do contracto.

a primeira quando a juizo do engenheiro estiverem feitos a metade dos serviços necessários e a segunda depois de ultimada a estrada e julgada conforme as condições deste contracto. E pelo anno de conservação depois de vencido pagará a razão de rs. 1:000\$ por legua de 3,000 braças: este pagamento e a segunda prestação da estrada ficarão sujeitos á condição estipulada no art. 5º. Nesta quantia estão considerados todos os serviços da alagôa.

Instrução para construção da estrada de Philadelphia para Santa Clara.

Condições geraes.

1.ª Largura da estrada 16 palmos, não incluídos os esgotos lateraes.

Descortinamente 40 palmos de cada lado, nos quaes não ficará páo algum em pé.

2.ª Não se admite declive maior de 5 % ou 1 sobre 20.

3.ª Nas voltas a direcção da estrada não deve afastar-se de linha recta mais de um palmo em cada dez palmos.

4.ª Os boeiros, são de 1 palmo de altura, e 3 de largura excepto onde o volume presumível das agoas exigir maiores dimensões, á juizo do engenheiro: Serão construídos com solidéz, de pedra, ou de madeira de lei, e de modo que as agoas não se demorem nelles. O numero dos boeiros, e suas distancias serão fixados pelo engenheiro.

5.ª Os aterros onde são precisos, se lanção sobre o chão sem estivas nem faxina, nem construção alguma de madeira de modo que tomem lateralmente o talude proprio da terra solta.

6.ª O chão da estrada deve ser preparado de maneira que preste em todas as estações commodo transito á carros de 4 rodas.

7.ª Incluem-se neste contracto a reconstrução de todos os pontilhões, que existem nesta meia legua. Estes pontilhões terão sempre 3 vigas de madeira de lei, e o lastro de pranchões, ou de achas cobertas de terra, sendo porém as achas, ou os pranchões de qualidade approvados pelo engenheiro.

Perfil das eneradas nos logares planos.

Nas planicies, chapadas, ou espigões a estrada deve ser abahulada quanto baste para escuar rapidamente as chuvas, que sobre ella cahirem, e não deve receber agua alguma das chuvas, que cahem nos terrenos lateraes de 3 palmos de fundo, 3 de largura na boca, 1 $\frac{1}{2}$ no unda, communicando-se de lado a lado por boeiros, e rasgados para ogares mais baixos de modo que completamente se esgotem. Nos logares que por serem baixos, não permitem esgoto dos regos fazem-se menos fundos, ou pricinde-se delles; mas em tal caso aterra-se a estrada até ficar mais alta 3 palmos pelo menos do que as mais altas enchentes das aguas proximas: nesta altura não se inclue abahulamento.

Perfil nas encostas dos morros.

Nos logares de cava a chuva, que cahe sobre a estrada deve reunir-se rapidamente para o lado do morro, donde se esgotará por meio de boeiros construídos na fórma da condição n. 4.

A largura exigida é toda em terreno natural, ou firme não incluída em parte alguma a terra cavada, nem se admittindo as escadas, que existem no caminho de Philadelphia para Santa Cruz.

As cavas para que não esbaroem terão necessaria inclinação, segundo a natureza do terreno, á juizo do engenheiro. Onde o terreno a despeito das cautellas precedentes correr risco de desmoronar-se, quer nas cavas, quer do lado superior da estrada far-se-hão os serviços precisos para remover tal; ou seja cortando as agoas do monte por meio de regos paralelos ás cavas da parte superior, ou da inferior, encaminhando do melhor modo as correntes das agoas fluviaes, ou permanentes. O engenheiro designa em cada logar quaes os serviços necessários.

Philadelphia, 20 de março de 1855.

ANGELO MARTINS CALDEIRA.

N. B.—Forão remettidos ao governo contractos semelhantes feitos com todos os empreiteiros mencionados na conta dos 181:848\$361.

ADVERTENCIA.

Pede-se desculpa ao Leitor de algumas incorreções de dicção e de revisão. A pagina 50 por exemplo, em vez de — atirou-a pelos ares — está atirou-se, que altera o sentido da oração. Assim algumas omissões que o leitor indulgente desculpará.